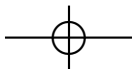
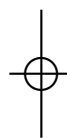


# Livro dos dragões



# Livro dos dragões

Marcos Maffei  
*Organização e tradução*

hedra

São Paulo\_2017

Copyright © Hedra 2017  
Copyright da tradução © Marcos Maffei

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.*

**Corpo Editorial**

Adriano Scatolin,  
Alexandre B. de Souza,  
Bruno Costa,  
Caio Gagliardi,  
Fábio Mantegari,  
Felipe C. Pedro,  
Iuri Pereira,  
Jorge Sallum,  
Oliver Tolle,  
Ricardo Musse,  
Ricardo Valle

**Edição** Iuri Pereira

**Coedição** Bruno Costa e Jorge Sallum

**Capa** Ronaldo Alves

**Programação e diagramação em  $\text{\LaTeX}$**  Bruno Oliveira

**Assistência editorial** Bruno Oliveira e Pedro A. Pinto

**Preparação** Iuri Pereira

**Revisão** André Fernandes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O784 Ovídio, Andrew Lang *et al.*

Livro dos dragões. / Ovídio, Andrew Lang *et al.* Organização e  
tradução de Marcos Maffei. – São Paulo: Hedra, 2012.  
120 p.

ISBN 978-85-7715-274-2

1. Contos. 2. Dragões. I. Título. II. Maffei, Marcos, Organizador.  
III. Maffei, Marcos, Tradutor.

CDU 820

CDD 823

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA HEDRA LTDA.

Rua Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)

05416-011 São Paulo SP Brasil

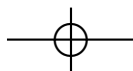
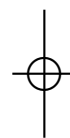
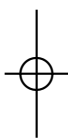
+55 11 3097 8304

editora@hedra.com.br

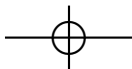
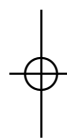
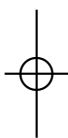
www.hedra.com.br

## Sumário

Livro dos dragões	7
Perseu e Andrômeda	
<i>Ovídio</i> .....	9
Stan Bolovan	
<i>Andrew Lang</i> .....	15
São Jorge e o dragão	
<i>Jacobus de Voragine e William Caxton</i> .....	29
A história de Sigurd	
<i>Andrew Lang</i> .....	33
Os salvadores da pátria	
<i>Edith Nesbit</i> .....	45
O dragão relutante	
<i>Kenneth Grahame</i> .....	63
O último dragão	
<i>Edith Nesbit</i> .....	93
Sobre as histórias e os autores	103



# Livro dos dragões





# Perseu e Andrômeda

## *Ovídio*

PERSEU CALÇOU SUAS sandálias aladas, prendeu sua espada curva à cintura e alçou voo atravessando os céus. Era já o segundo dia de seu combate com a Medusa, e ele trazia como troféu a cabeça daquele monstro de cabelos de serpente. Voou sobre inúmeros povos, cujas terras se estendiam em todas as direções, até avistar as tribos etíopes e o reino de Cefeus. Lá, a jovem e inocente Andrômeda estava a ponto de pagar injustamente pela insensata vaidade de sua mãe, a rainha Cassiopeia, que se gabara de serem ela e sua filha muito mais belas que as Nereidas, despertando a ira de Netuno, que enviou uma inundação e um monstro marinho para devastar a costa do reino. Cefeus consultou então o oráculo de Amon, que revelou que seu reino só seria salvo se ele entregasse sua filha ao monstro marinho.

Quando Perseu viu a princesa com seus braços acorrentados à firme rocha, podia ter achado que era uma estátua de mármore, não fosse pela brisa que agitava os cabelos dela,

## PERSEU E ANDRÔMEDA

e as cálidas lágrimas que escorriam de seus olhos. Sem se dar conta, ele imediatamente se apaixonou por ela. Encantado com tamanha beleza, deteve-se maravilhado, e quase esqueceu de manter suas asas se movendo no ar. Assim que pousou, disse:

— Você não devia estar assim acorrentada. Os laços que você merece são aqueles que unem os corações dos amantes! Diga-me seu nome e o nome de seu país, e conte-me por que está acorrentada.

A princípio, ela nada disse, pois sendo uma virgem, não ousava dirigir-se a um homem. Teria escondido por pudor sua face com as mãos, se não estivesse acorrentada. O que podia fazer, ela fez; e era deixar seus olhos se encherem ainda mais de lágrimas. Ante a insistência de Perseu, que repetia suas perguntas, ficou com medo que sua recusa em falar fosse entendida como admissão de culpa; então ela lhe disse o nome do país, o dela, e também como sua mãe, uma bela mulher, deixara sua beleza subir-lhe à cabeça.

Antes que ela terminasse, as águas se agitaram em ruídos vagalhões, e das profundezas do oceano veio o ameaçador monstro, tão enorme que cobria toda a extensão das ondas. A jovem gritou. Seu desconsolado pai estava bem perto, e sua mãe também. Os dois tomados por um profundo desespero, embora sua mãe ainda com mais razão. Nenhuma ajuda podiam oferecer, só as lágrimas e os lamentos. E assim ficaram, até que o recém-chegado forasteiro, Perseu, se dirigisse a eles, dizendo:

— Haverá tempo de sobra para as lágrimas depois, mas para ajudá-la o tempo é curto. Meu nome é Perseu, sou filho de Júpiter e Danae, que era prisioneira numa torre quando Júpiter a fecundou sob a forma de uma chuva de ouro. Sou aquele Perseu que venceu a Górgona de cabelos

## OVÍDIO

de serpente, e que ousa viajar pelas brisas do ar com asas nos pés. Já seria o bastante para vocês me quererem como seu genro se eu pedisse a mão de sua filha; mas se os deuses me ajudarem, vou tentar acrescentar ainda outro serviço aos que já fiz. Quero esse compromisso de vocês: que ela seja minha, se com a minha coragem eu puder salvá-la.

Os pais dela concordaram — quem de fato teria hesitado? Imploraram pela ajuda dele, prometendo que além da filha deles, teria também o reino como dote.

Mas eis que, como um navio veloz cortando as ondas com sua proa aguda, impulsionado pelos braços fortes da suada tripulação em seus remos, o monstro avançou, rompendo as ondas com seu peito. Não estava muito longe dos rochedos, quando de repente o herói, saltando da terra, lançou-se muito alto nas nuvens. A sombra dele se projetou na superfície do oceano, e o monstro a atacou com toda sua fúria. Então Perseu investiu do alto, como uma águia de Júpiter ao ver uma serpente num deserto a agarra por trás, cravando suas garras ávidas nas escamas do pescoço do réptil, para evitar o ataque de suas cruéis presas, foi assim que Perseu velozmente vindo do ar fez, atacando o monstro pelas costas e, ao som de seus urros, enterrando fundo no ombro direito dele sua espada curva. Atormentado por tão profunda ferida, o monstro arqueou para o alto seu corpo, voltou a afundá-lo nas águas, e começou a se virar de um lado para o outro como um feroz porco selvagem cercado e aterrorizado por uma matilha de cães ladrando. O herói, valendo-se de suas velozes asas, desviava-se das terríveis mandíbulas do monstro, desferindo golpes com sua espada curva sempre que tinha oportunidade, acertando ou as costas cobertas de conchas ocas da criatura, ou suas costelas, ou ainda o ponto em que sua cauda se transformava no

## PERSEU E ANDRÔMEDA

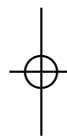
rabo de um peixe. O monstro cuspiu golfadas de água do mar tingidas com o vermelho do sangue, e logo as asas de Perseu ficaram úmidas e pesadas. Sem se atrever a continuar confiando em suas encharcadas asas, ele percebeu uma pedra, cujo topo ficava acima da superfície, quando as águas estavam paradas, mas que o movimento das ondas cobria inteira. Nela apoiou-se, segurando firme nas escarpas com a mão esquerda, cravou sua espada duas, três, quatro vezes nos flancos do monstro. Tantas foram as vezes em que o atingiu, que logo das costas do mar até a morada dos deuses no céu só o que se ouvia eram aplausos e gritos de júbilo.

Cassiopeia e Cefeus ficaram felicíssimos e acolheram Perseu como genro, dizendo que a casa deles lhe devia sua salvação e continuidade. A jovem, causa e recompensa desse feito heroico, foi libertada de suas correntes. O herói lavou suas mãos vitoriosas na água do mar, para que a áspera areia não prejudicasse a cabeça cheia de serpentes da Medusa. Antes de colocá-la no chão, forrou-o com folhas e depois com algas-marinhas. As algas, colhidas frescas e ainda vivas, mostraram-se sensíveis ao poder da monstruosa cabeça, e se endureceram, adquirindo uma nova e estranha rigidez em suas folhas e ramos. As ninfas do mar testaram então esse milagre, aplicando-o a vários ramos, e ficaram encantadas ao ver que ele sempre se repetia; e espalharam pelas ondas suas sementes, produzindo mais e mais dessa nova substância. E até hoje o coral mantém essa mesma característica, enrijecendo-se em contato com o ar; o que é uma planta debaixo d'água, se torna rocha acima da superfície.

Perseu erigiu então três altares de turfa em honra a três deuses: o da esquerda para Mercúrio, o da direita para Minerva, e no centro, entre os dois, um para Júpiter. Para a deusa sacrificou uma vaca, para Mercúrio um bezerro e para

## OVÍDIO

o mais poderoso dos deuses um touro. E sem mais demora, pediu Andrômeda como recompensa por sua grande proeza, e a aceitou sem dote algum. Cupido e Hímen agitaram em frente ao par as tochas nupciais, incenso em abundância tornou perfumadas as chamas, guirlandas foram penduradas no teto. Por toda a parte se ouviram as liras e as flautas, e os cantos testemunhando e celebrando a felicidade dos corações. Os grandes portões foram por inteiro abertos, revelando o dourado luxo do palácio e todos os nobres da corte de Cefeus participaram do luxuoso banquete que foi servido.



# Stan Bolovan

## *Andrew Lang*

O que aconteceu uma vez, aconteceu mesmo, pois se não tivesse acontecido essa história nunca teria sido contada.

Nos arredores de uma aldeia, bem onde os bois são deixados para pastar e os porcos perambulam, enfiando seus focinhos nas raízes das árvores, havia uma casinha.

Nela, morava um homem com sua mulher, e a mulher passava o dia todo triste.

— Cara esposa, o que há de errado para você ficar com sua cabeça pendendo como uma rosa murcha? — perguntou o marido uma manhã. — Você tem tudo o que quer. Por que não pode viver contente como as outras mulheres?

— Deixe-me em paz, e não tente descobrir a razão — ela respondeu, explodindo em lágrimas. O homem achou que não era uma boa hora para ficar fazendo perguntas a ela e saiu para trabalhar.

Ele não conseguia, entretanto, esquecer o assunto, e alguns dias depois voltou a perguntar a razão da tristeza

STAN BOLOVAN

dela, mas recebeu apenas a mesma resposta. Por fim, ele não podia mais aguentar e tentou uma terceira vez. E então sua mulher voltou-se para ele e respondeu:

— Por Deus! — ela exclamou. — Por que você não pode deixar as coisas como estão? Se eu lhe contasse, você iria ficar tão infeliz quanto eu. Se ao menos você acreditasse que é melhor não saber de nada!

Mas nenhum homem jamais ficaria contente com uma resposta assim. Quanto mais se implora para não perguntar, maior fica a curiosidade de saber tudo.

— Bom, se você precisa tanto saber — disse enfim sua mulher —, eu vou dizer. Não temos sorte nessa casa, nenhuma sorte!

— Mas a nossa vaca é a que mais dá leite na aldeia. Nossas árvores ficam tão cheias de frutos quanto as colmeias de abelhas. Alguém tem um milharal tão bom quanto o nosso? Olhe, você está falando bobagem ao dizer isso.

— Sim, tudo o que você disse é verdade, mas não temos filhos.

Então Stan compreendeu, e quando um homem compreende e tem seus olhos abertos não há mais o que fazer. Desse dia em diante, a casinha abrigava um homem infeliz além de uma mulher infeliz. E ver a tristeza de seu marido deixou a mulher mais desconsolada que nunca.

E assim ficaram as coisas por um tempo.

Algumas semanas se passaram e Stan resolveu consultar um sábio que vivia a um dia de viagem de sua casa. O sábio estava sentado em frente à porta de sua casa quando Stan chegou e se ajoelhou diante dele.

— Dê-me filhos, senhor, dê-me filhos.

— Cuidado com o que você está pedindo — respondeu



ANDREW LANG

o sábio. — E se filhos forem um fardo para você? Você é rico o suficiente para alimentá-los e vesti-los?

— Apenas faça com que eu os tenha, e eu me virarei de algum jeito! — e o sábio lhe fez um sinal para partir.

Ele voltou para casa naquela noite cansado e sujo da viagem, mas com esperança no coração. Quando estava se aproximando de sua casa, o som de vozes chegou até seus ouvidos. Ele olhou donde vinham, e percebeu o lugar todo cheio de crianças. Crianças no jardim, crianças no quintal, crianças olhando de todas as janelas — pareceu ao homem que todas as crianças do mundo haviam se juntado ali. E nenhuma era maior que a outra, mas cada uma era menor que a outra, e cada uma era mais barulhenta, mais petulante e mais atrevida que as outras, e Stan parou ali e gelou de horror, ao se dar conta de que eram todas dele.

— Meu Deus! Quantas! — murmurou para si mesmo.

— Ah, mas nem uma demais — sua mulher sorriu, aparecendo com mais uma multidão de crianças nas barras da saia.

Mas mesmo ela descobriu que não era tão fácil cuidar de cem crianças! E depois de alguns dias, quando elas tinham comido toda a comida que havia na casa, começaram a gritar:

— Pai! Estou com fome! Estou com fome!

E Stan coçou a cabeça e se perguntou o que ia fazer agora. Não que ele achasse que havia crianças demais, pois sua vida parecia mais cheia de alegria desde que elas apareceram, mas tinham chegado ao ponto em que não sabia mais como alimentá-las. A vaca parara de dar leite, e não estava ainda na época das árvores darem frutos.

— Sabe, minha velha — ele disse um dia a sua mulher

STAN BOLOVAN

—, preciso correr mundo e tentar trazer comida de algum jeito, embora não saiba dizer donde vou tirá-la.

Para o homem com fome, toda estrada é comprida, e ainda havia sempre a lembrança de que tinha a fome de cem crianças para satisfazer, além da sua própria.

Stan andou, andou e andou, até chegar ao fim do mundo, onde o que existe se mistura com o que não existe, e lá ele viu, a uma pequena distância, um ovil, com sete ovelhas dentro. Na sombra de umas árvores, estava o resto do rebanho.

Stan se escondeu, esperando que conseguiria fazer algumas escapulirem com ele discretamente, para levá-las para alimentar sua família, mas logo descobriu que isso não ia dar certo. Pois, à meia-noite, ouviu um barulho: era um dragão que viera voando e levou embora um carneiro, uma ovelha e um cordeiro, e três vacas que estavam ali por perto. E, além disso, tirou também o leite de 77 ovelhas, que levou para sua velha mãe nele se banhar para recuperar sua juventude. E isso acontecia toda noite.

O pastor das ovelhas se lamentava em vão: o dragão apenas ria, e Stan viu que aquele não era um bom lugar para conseguir comida para sua família.

Mas apesar de entender que era quase impossível lutar contra um monstro tão poderoso, a lembrança de suas crianças famintas em casa se agarrava a ele feito um carrapicho, do qual não dá para se livrar, e por fim ele disse ao pastor:

— O que você me daria se eu o livrasse do dragão?

— Um de cada três carneiros, uma de cada três ovelhas, um de cada três cordeiros — respondeu o pastor.

— É uma barganha — disse Stan, embora naquele momento não soubesse como, supondo que ele vencesse o dragão, iria conseguir levar um rebanho tão grande para casa.

Todavia, esse problema podia ser resolvido depois. No

ANDREW LANG

momento, a noite estava chegando, e ele precisava pensar como seria o melhor jeito de lutar com o dragão.

Precisamente à meia-noite, Stan foi tomado por uma sensação horrível, nova e estranha para ele — uma sensação que ele não encontrou palavras para descrever a si mesmo, mas que quase o forçou a desistir da batalha e pegar o caminho mais curto para casa. Ele se virou para partir, mas lembrou das crianças, e se virou de novo.

— É você ou eu — disse Stan para si mesmo, e se posicionou junto ao rebanho.

— Pare! — ele gritou de repente, quando o ar se encheu com o barulho das asas do dragão descendo.

— Ora essa! — exclamou o dragão, olhando em volta. — Quem é você, e de onde vem?

— Eu sou Stan Bolovan, que come pedras toda noite, e durante o dia as flores da montanha; e se você tentar pegar essas ovelhas eu vou entalhar uma cruz em seu lombo.

Ao ouvir essas palavras o dragão parou bem quieto no meio da estrada, pois sabia que havia encontrado um adversário à altura.

— Mas você vai ter antes que lutar comigo — ele disse com voz trêmula, pois quando alguém o enfrentava de verdade ele não era nem um pouco corajoso.

— Lutar com você? — retrucou Stan. — Ora, se posso matá-lo com um sopro...

Então, pegando um grande queijo que estava a seus pés, acrescentou:

— Vá buscar uma pedra como essa no rio, para que não percamos tempo em descobrir quem é o melhor.

O dragão fez o que Stan lhe pediu, e trouxe uma pedra do riacho.

STAN BOLOVAN

— Você consegue tirar leite de sua pedra? — Stan perguntou.

O dragão catou sua pedra com uma mão e espremeu-a até virar pó, mas nenhum leite escorreu dela.

— Claro que não! — ele disse, com uma certa raiva.

— Bom, se você não consegue, eu consigo — respondeu Stan, e apertou o queijo até o leite escorrer entre seus dedos.

Quando o dragão viu aquilo, achou que já era mais que hora de voltar para sua casa, mas Stan ficou no caminho dele.

— Ainda temos contas a acertar — ele disse — sobre o que você anda fazendo por aqui.

E o pobre dragão estava com muito medo para se mexer, temendo que Stan o matasse com um sopro e o enterrasse entre as flores das montanhas.

— Escute — ele disse enfim. — Posso ver que você é uma pessoa muito útil, e minha mãe está precisando de alguém como você. Digamos que você preste serviços a ela por três dias, que duram tanto quanto um de seus anos, e ela lhe pague com sete sacos cheio de ducados por cada dia.

Três vezes sete sacos cheios de ducados! A oferta era muito tentadora, e Stan não conseguiu resistir a ela. Não gastou palavras, apenas acenou que concordava para o dragão, e os dois partiram pela estrada.

Foi uma jornada muito, muito longa, mas quando chegaram ao fim dela encontraram a mãe do dragão, que era tão velha quanto o próprio tempo, esperando por eles. Stan viu de longe os olhos dela brilhando como lanternas, e quando entraram na casa viram uma enorme chaleira no fogo, cheia de leite. Quando a velha mãe viu que seu filho voltara de mãos vazias ficou muito brava, e fogo e chamas saíram de

ANDREW LANG

suas narinas, mas antes de ela dizer qualquer coisa o dragão voltou-se para Stan.

— Fique aqui — disse — e me espere, vou explicar as coisas para minha mãe.

Stan já estava se arrependendo amargamente de ter vindo para tal lugar, mas como já estava lá, não havia nada a fazer senão enfrentar tudo calmamente e não demonstrar que estava com medo.

— Olhe, mãe — disse o dragão assim que ficaram sozinhos —, eu trouxe esse homem para me livrar dele. Ele é um sujeito terrível, que come rochas e pode tirar leite de pedras — e lhe contou o que acontecera na noite passada.

— Ah, deixe-o comigo! — ela disse. — Nunca deixei um homem escapar por entre meus dedos.

No dia seguinte, ela lhe disse que ele e seu filho deviam ver quem era mais forte, e pegou uma enorme clava, encaçada com sete camadas de ferro.

O dragão pegou-a como se fosse uma pena, e depois de girá-la sobre sua cabeça, atirou-a a três milhas de distância, dizendo a Stan para jogá-la mais longe se pudesse.

Andaram até o lugar onde caíra a clava. Stan se inclinou e experimentou pegá-la e, então, teve muito medo, pois sabia que ele e todas as suas crianças juntas jamais conseguiriam levantar do chão aquela clava.

— O que você está fazendo? — perguntou o dragão.

— Eu estava pensando o quanto é bela essa clava, e me deu pena de que seja ela a causar a sua morte.

— Minha morte? O que você quer dizer? — perguntou o dragão.

— Apenas que receio que, se atirá-la, você nunca mais verá outro amanhecer. Você não faz ideia do quanto eu sou forte!

STAN BOLOVAN

— Ah, não se preocupe, atire-a de uma vez.

— Se você quer isso mesmo, vamos festejar por três dias, ao menos assim você terá três dias a mais de vida.

Stan falou com tanta calma que dessa vez o dragão ficou com um pouco de medo, embora não acreditasse que a coisa ia ser tão ruim quanto Stan dissera.

Eles voltaram para a casa, pegaram toda a comida que acharam na despensa da velha mãe e voltaram para onde estava a clava. Então Stan sentou-se no saco de mantimentos e ficou tranquilamente observando a lua que se punha.

— O que você está fazendo? — perguntou o dragão.

— Esperando a lua sair do meu caminho.

— Como assim? Não entendi.

— Você não está vendo que a lua está exatamente no meu caminho? Mas claro, se você quiser, posso atirar a clava na lua.

Essas palavras deixaram o dragão inquieto pela segunda vez.

Ele tinha grande estima por aquela clava, que havia sido herança de seu avô e não tinha a menor vontade de que ela fosse parar na lua.

— Vou lhe dizer uma coisa — ele disse, depois de pensar um pouco. — Não precisa atirar a clava. Eu a atiro uma segunda vez, e fica por isso mesmo.

— Não, de jeito nenhum! — respondeu Stan. — Basta esperar a lua decair.

Mas o dragão, temendo que Stan cumprisse suas ameaças, tentou toda espécie de suborno para evitá-las, e no fim teve que prometer a Stan sete sacos de moedas antes de, enfim, conseguir jogar de volta a clava ele mesmo.

— Ah, nossa, ele é mesmo um homem forte — disse

ANDREW LANG

o dragão para sua mãe. — Você acredita que foi a maior dificuldade evitar que ele atirasse a clava na lua?

Então a velha ficou inquieta também, só de pensar nisso! Atirar coisas na lua não é brincadeira! E não se falou mais na clava, e no dia seguinte todos tinham outro assunto com que se preocupar.

— Vão buscar água! — disse a mãe, assim que amanheceu, e deu a eles doze odres de pele de búfalo com a ordem de enchê-los até de noite.

Eles partiram na mesma hora para o riacho, e num piscar de olhos o dragão enchera todos os doze, levou-os até a casa, e os trouxe de volta para Stan. Stan estava cansado: mal conseguia levantar os odres vazios, e teve um arrepio só de pensar o que iria acontecer quando estivessem cheios. Mas a única coisa que fez foi tirar uma faca de seu bolso e começar a cavar a terra perto do riacho.

— O que você está fazendo aí? Não vai carregar a água para casa? — perguntou o dragão.

— O quê? Ora, isso é fácil demais! Eu vou é levar o riacho inteiro!

Essas palavras fizeram o queixo do dragão cair. Era a última coisa que passaria por sua cabeça, pois o riacho sempre estivera ali, desde os tempos de seu avô.

— Vou lhe dizer uma coisa — disse. — Deixe que eu carregue os odres para você.

— De jeito nenhum — respondeu Stan, continuando a cavar, e o dragão, temendo que ele cumprisse sua ameaça, tentou toda espécie de suborno e, no fim, teve que prometer mais sete sacos de moedas para fazer Stan concordar em largar o riacho ali em paz e deixar o próprio dragão levar a água para a casa.

STAN BOLOVAN

No terceiro dia, a velha mãe mandou Stan buscar lenha na floresta e, como sempre, o dragão foi junto.

Antes de você contar até três, ele já tinha derrubado mais árvores que Stan poderia ter cortado em toda a sua vida, e as arrumara devidamente em fileiras. Quando o dragão tinha terminado, Stan começou a olhar à sua volta e, escolhendo a maior das árvores, subiu nela, onde cortou um longo cipó e com ele amarrou a ponta dela à ponta da árvore seguinte ao lado. E assim ele fez com toda uma fileira de árvores.

— O que você está fazendo aí? — perguntou o dragão.

— Basta você olhar para saber — respondeu Stan, continuando calmamente seu trabalho.

— Por que você está amarrando as árvores?

— Para não ter trabalho à toa; quando eu arrancar uma, todas as outras já virão junto.

— Mas como você vai carregá-las para casa?

— Ora essa! Você ainda não entendeu que eu vou levar a floresta inteira de volta comigo? — disse Stan, amarrando mais duas árvores enquanto falava.

— Vou lhe dizer uma coisa — exclamou o dragão, tremendo de medo só de pensar nisso —, deixe que eu carregue a lenha para você, e eu lhe dou sete vezes sete sacos cheios de moedas.

— Você é um bom sujeito, e eu concordo com sua proposta — Stan respondeu, e o dragão carregou a lenha.

Então os três dias de serviço que era para ser contados como um ano já haviam terminado, e a única coisa que preocupava Stan era: como levar todos aqueles ducados de volta para casa?

Naquela noite, o dragão e sua mãe tiveram uma longa conversa, mas Stan ouviu-a inteirinha por um buraco no teto.



ANDREW LANG

— Que infelicidade a nossa, mãe — disse o dragão —, esse homem logo vai nos dominar. Dê a ele o dinheiro, para podermos nos livrar dele.

Mas a velha mãe gostava de dinheiro e a ideia não a agradava.

— Escute — ela disse —, você precisa matá-lo esta noite.

— Tenho medo — disse ele.

— Não há nada a temer — retrucou a velha mãe. — Quando ele estiver dormindo, pegue a clava e acerte-o na cabeça com ela. Vai ser fácil.

E teria sido mesmo, se Stan não tivesse ouvido tudo. Quando o dragão e sua mãe apagaram as luzes, ele pegou a gamela dos porcos, encheu-a de terra e a pôs em sua cama, cobrindo-a com suas roupas. Então ele se escondeu sob a cama, e se pôs a roncar bem alto.

Logo o dragão entrou silenciosamente no quarto e deu um tremendo golpe no lugar onde a cabeça de Stan deveria estar. Stan gemeu bem alto debaixo da cama, e o dragão saiu tão silenciosamente quanto entrara. Assim que ele fechou a porta, Stan tirou dali a gamela dos porcos, e deitou-se em seu lugar, depois de ter deixado tudo limpo e arrumado; mas foi esperto o bastante para não pregar os olhos naquela noite.

Na manhã seguinte, ele veio para a sala quando o dragão e sua mãe estavam tomando café-da-manhã.

— Bom-dia — disse.

— Bom-dia. Dormiu bem?

— Ah, muito bem, mas sonhei que uma pulga havia me mordido e ainda a estou sentindo.

O dragão e sua mãe se entreolharam.

— Você ouviu só? — ele sussurrou. — Ele falou de uma pulga. E eu quebrei minha clava na cabeça dele.

STAN BOLOVAN

Dessa vez, a mãe ficou com tanto medo quanto seu filho. Não havia nada a fazer com um homem como esse, e ela se apressou a encher os sacos com as moedas, para se livrar de Stan o mais rápido possível. Mas, por sua parte, Stan estava tremendo feito vara verde, pois não conseguia levantar nem mesmo um saco do chão. Então ele ficou ali parado olhando para eles.

— O que você está esperando aí? — perguntou o dragão.

— Ah, eu estava esperando aqui porque acabou de me ocorrer que gostaria de ficar a serviço de vocês mais um ano. Tenho vergonha de chegar em casa e verem que eu trouxe tão pouco. Tenho certeza que vão dizer “olha só o Stan Bolovan, que em um ano acabou ficando tão fraco quanto um dragão”.

Nesse momento, uma exclamação de pasmo escapou tanto do dragão quanto de sua mãe, que declarou que ela ia lhe dar sete vezes ou mesmo sete vezes sete vezes o número de sacos se ele fosse embora.

— Vou lhe dizer uma coisa — enfim Stan disse. — Estou vendo que não querem que eu fique e não quero incomodá-los. Eu irei embora imediatamente, mas sob a condição do dragão carregar para mim o dinheiro até em casa; assim não passarei vergonha frente a meus amigos.

Mal acabara de falar e o dragão já agarrara os sacos e os empilhara em suas costas. Então ele e Stan partiram.

O caminho de volta, se na verdade não era muito comprido, ainda assim demorou um bocado para Stan, mas enfim ele ouviu as vozes de suas crianças, e parou de repente. Não queria que o dragão ficasse sabendo onde ele morava, temendo que algum dia ele viesse recuperar seu tesouro. Não haveria nada que ele pudesse dizer para se

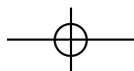
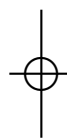
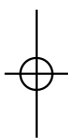
ANDREW LANG

livrar do monstro? De repente uma ideia lhe veio à cabeça, e ele se virou.

— Não sei bem o que fazer — disse. — Tenho cem filhos, e tenho medo que eles possam machucá-lo, pois estão sempre prontos a entrar numa briga. Em todo o caso, vou fazer todo o possível para protegê-lo.

Cem crianças! Isso não era brincadeira mesmo! O dragão até deixou cair os sacos, tanto o seu terror, mas tratou de catá-los de novo. Foi então que as crianças, que não tinham comido nada desde que seu pai partira, vieram correndo na direção dele, brandindo facas na mão direita e garfos na esquerda, e gritando “Papai! Dê-nos carne de dragão! Queremos carne de dragão!”

Ao ver essa terrível cena o dragão não esperou nem mais um instante: largou os sacos e saiu voando o mais rápido que podia, e tão aterrorizado ficou com o destino do qual escapou por pouco que desse dia em diante nunca mais teve coragem de mostrar a cara pelo mundo de novo.



# São Jorge e o dragão

## *Jacobus de Voragine e*

## *William Caxton*

São Jorge era um cavaleiro que nascera na Capadócia. Um dia ele foi para a província da Líbia, onde havia uma cidade chamada Silene. Perto dessa cidade havia uma lagoa feito um mar e, nela, um dragão que ameaçava envenenar todo o país. Um dia o povo se juntou para matá-lo, mas ao vê-lo se apavoraram e fugiram. Quando chegou a noite, o dragão ia envenenar o povo com o ar que expirava, de modo que eles decidiram dar todo dia duas ovelhas para alimentá-lo, para que assim ele não fizesse mal ao povo.

Quando as ovelhas acabaram, chegou a vez dos homens. Por um decreto na cidade se estabeleceu que seriam entregues primeiro as crianças e os jovens, e quem se recusasse a entregar seus filhos iria no lugar deles. E assim foi que muitas crianças e jovens foram entregues ao dragão, tantas que acabou chegando a vez da filha do rei. O rei entristecido disse a seu povo:

## SÃO JORGE E O DRAGÃO

— Pelo amor dos deuses, levem ouro e prata e tudo o que tenho, mas deixem eu ficar com minha filha.

Eles responderam:

— Como assim? Foi Vossa Majestade quem fez a lei e mandou cumprir, de tal modo que agora todos os nossos filhos estão mortos, e agora quer fazer diferente? Sua filha deverá ser entregue, ou então levaremos Vossa Majestade.

Quando o rei viu que não havia nada a fazer começou a chorar e disse para a filha dele que jamais iria ver as bodas dela. Então ele voltou ao povo e pediu oito dias de prorrogação, e o povo lhe concedeu. E quando os oito dias se passaram voltaram a ele dizendo que já era a hora, pois ele podia ver que a cidade estava perecendo.

Então o rei fez vestirem sua filha como se ela fosse se casar, e a abraçou e beijou, e a abençoou, e a conduziu para o lugar em que estava o dragão.

Quando ela estava lá, São Jorge passou por ali. Vendo a dama, perguntou o que ela fazia ali, e ela disse:

— Siga seu caminho, belo jovem, para que não morra você também.

Então ele disse:

— Diga-me o que a aflige e por que você chora, e nada tema.

Quando ela viu que ele tanto queria saber, ela disse que havia sido deixada para o dragão. São Jorge disse:

— Bela jovem, nada tema, pois eu vou ajudá-la em nome de Jesus Cristo.

— Pelos deuses — ela disse —, siga seu caminho, não fique aqui comigo, pois você pode não conseguir me salvar.

Enquanto eles falavam o dragão apareceu e veio correndo até eles. São Jorge montou em seu cavalo, desembainhou a espada, fez o sinal da cruz, cavalgou bravamente em direção

JACOBUS DE VORAGINE E WILLIAM CAXTON

ao dragão e o acertou com sua lança ferindo-o gravemente, jogando-o por terra. Então ele disse para a jovem:

— Pegue seu cinto e amarre-o em volta do pescoço do dragão. Não tenha medo. Quando ela fez isso, o dragão se pôs a segui-la como se fosse um animal domesticado e inofensivo. Ela levou-o até a cidade, e o povo fugiu para as montanhas e vales, dizendo que seriam todos mortos. Então São Jorge disse:

— Nada temam, creiam em Jesus Cristo, e não tardem a ser batizados, que eu matarei o dragão.

Então o rei e todo seu povo foi batizado, e São Jorge matou o dragão cortando-lhe a cabeça, e ordenou que ele fosse jogado no campo, e foi preciso três carros de boi para tirá-lo da cidade.

Haviam sido batizados quinze mil homens, sem contar mulheres e crianças, e o rei mandou erguer uma igreja para Nossa Senhora e São Jorge, onde ainda hoje brota uma fonte de água da vida que cura os doentes.

Depois disso o rei ofereceu a São Jorge tanto dinheiro quanto tinha, mas ele recusou tudo e pediu que fosse dado aos pobres em nome de Deus, e fez quatro exigências ao rei: que ele se encarregasse das igrejas, que ele honrasse os padres, que ouvisse diligentemente seus sermões, e que ele tivesse piedade dos pobres. Depois de beijar o rei ele partiu.





# A história de Sigurd

## *Andrew Lang*

Havia uma vez um rei no norte que ganhara muitas guerras, e que agora já estava velho. Mas ele se casou com uma outra mulher, e então um certo príncipe, que também queria casar com ela, veio atacá-lo com um grande exército. O velho rei lutou bravamente, mas sua espada acabou se quebrando, ele se feriu e todos os seus homens fugiram.

De noite, depois que a batalha tinha terminado, sua jovem esposa veio procurá-lo entre os mortos e feridos. Enfim o encontrou, e perguntou se ele podia ser curado. Mas ele respondeu que não: sua sorte acabara, sua espada quebrara, e ele ia morrer. E disse ainda que ela ia ter um filho, que esse filho seria um grande guerreiro e iria vingar-se do outro rei seu inimigo. E pediu a ela que guardasse os pedaços quebrados da espada, para que com eles uma nova espada fosse feita para o seu filho; e essa nova arma deveria ser chamada de Gram.

Então ele morreu. E sua mulher chamou a criada e disse:

## A HISTÓRIA DE SIGURD

— Vamos trocar de roupa; e você será chamada pelo meu nome, e eu pelo seu, caso os inimigos nos encontrem.

Foi o que fizeram, e se esconderam na floresta, mas então uns forasteiros as encontraram e as levaram num navio para a Dinamarca. E quando elas foram levadas até o rei, este achou que a criada parecia uma rainha, e a rainha uma criada. Então ele perguntou à rainha:

— Como você sabe no meio da noite que falta pouco para amanhecer?

E ela disse:

— Eu sempre sei porque, quando era mais jovem, costumava levantar para acender os fogos, e ainda acordo na mesma hora.

“Estranho, uma rainha que acende os fogos”, o rei pensou.

Então ele perguntou à rainha que estava vestida de criada:

— Como você sabe no meio da noite que a aurora se aproxima?

— Meu pai me deu um anel de ouro — ela disse — e sempre antes do amanhecer ele esfria em meu dedo.

— Rica essa casa em que as criadas usam ouro — disse o rei. — Na verdade, você não é nenhuma criada, mas a filha de um rei.

Então ele a tratou como convinha a uma rainha. Com o passar do tempo ela teve um filho que chamou de Sigurd, um menino belo e muito forte. Ele tinha um tutor a acompanhá-lo, e um dia o tutor disse a ele para ir pedir um cavalo para o rei.

— Escolha você mesmo o seu cavalo — disse o rei.

Sigurd foi até a floresta, onde encontrou um velho com uma barba branca, e disse a ele:

ANDREW LANG

— Venha! Ajude-me a escolher um cavalo.

O velho disse:

— Leve todos os cavalos para o rio e escolha aquele que o atravessar nadando.

Então Sigurd levou-os até o rio e só um deles o atravessou. Sigurd o escolheu: seu nome era Grani, ele vinha da linhagem de Sleipnir e era o melhor cavalo do mundo. Pois Sleipnir era o cavalo de Odin, o Deus do Norte, e era tão rápido quanto o vento.

Um dia ou dois depois disso, o tutor disse a Sigurd:

— Há um grande tesouro em ouro escondido não muito longe daqui e seria apropriado que você o encontrasse.

Mas Sigurd respondeu:

— Já ouvi falar desse tesouro, e sei que o dragão Fafnir o guarda. Ele é tão enorme e terrível que nenhum homem ousa se aproximar dele.

— Ele não é maior que outros dragões — disse o tutor — e se você fosse tão corajoso quanto seu pai não teria medo dele.

— Não sou um covarde — disse Sigurd. — Por que você quer que eu lute com esse dragão?

Então seu tutor, que se chamava Regin, contou a ele que todo aquele tesouro de ouro vermelho pertencera antes a seu pai. E seu pai teve três filhos: o primeiro foi Fafnir, o dragão; o segundo foi Lontra, que podia tomar a forma de uma lontra sempre que quisesse; e o último foi ele, Regin, que era um grande ferreiro e fabricante de espadas.

Havia então um anão chamado Andvari, que morava junto a uma lagoa sob uma cachoeira, e lá ele escondera um tesouro. Um dia Lontra estava pescando ali, e tinha pego um salmão e o comido, e estava dormindo numa pedra na forma de lontra. Alguém que passava por ali jogou uma

## A HISTÓRIA DE SIGURD

pedra na lontra e a matou; e tirou a pele dela, e a levou para a casa do pai de Lontra. Então ele soube que seu filho estava morto. Para punir a pessoa que o matara exigiu que a pele da lontra fosse preenchida com ouro, e coberta com ouro, caso contrário teria que se ver com ele. A pessoa que matara Lontra foi até a cachoeira e capturou o anão que tinha o tesouro e o tirou dele.

Só sobrara um anel, que o anão estava usando; mas até este foi tirado dele.

O pobre anão ficou muito bravo, e rogou uma praga: aquele ouro só iria trazer má sorte para quem o possuísse, para sempre.

Então a pele da lontra foi preenchida com ouro e coberta com ouro inteira, exceto por um pelo, e nele foi enfiado o último anel do pobre anão.

Mas o tesouro não trouxe sorte para ninguém. Primeiro Fafnir, o dragão, matou seu próprio pai; e então ele foi até o ouro e sobre ele se estendeu, deixando seu irmão sem nada; e nenhum homem ousava se aproximar dele.

Ao ouvir a história, Sigurd disse a Regin:

— Faça-me uma boa espada para eu matar esse dragão.

Regin fez uma espada para ele, mas ele a testou com um golpe num bloco de ferro, e ela se quebrou.

Outra espada foi feita, e Sigurd também a quebrou.

Então Sigurd foi ter com sua mãe, e pediu os pedaços da espada de seu pai, e os deu para Regin. E ele os forjou e martelou numa espada nova, tão afiada que as bordas de sua lâmina pareciam incandescentes.

Sigurd experimentou essa espada num bloco de ferro e ela não quebrou, mas partiu ao meio o ferro. Então ele jogou um floco de lã no rio, e quando ele flutuou até a lâmina, partiu-se ao meio. Sigurd disse que aquela espada servia.

ANDREW LANG

Mas, antes de ir lutar com o dragão, ele liderou um exército para lutar com os homens que haviam matado seu pai. Ele derrotou o rei deles, ficou com toda sua fortuna, e voltou para casa.

Depois de alguns dias, Sigurd foi a cavalo com Regin até a charneca onde o dragão costumava ficar. Então viu o rastro que o dragão deixava quando passava. O rastro era como se um grande rio tivesse corrido e deixado um vale profundo.

Então Sigurd foi até esse vale profundo e cavou muitos buracos nele. Num deles, se escondeu com sua espada na mão. Ficou esperando até a terra começar a tremer com o peso do dragão rastejando até a água. E uma nuvem de veneno era lançada à sua frente quando ele bufava e urrava, de modo que seria morte certa ficar diante dele.

Mas Sigurd esperou até a metade do corpo do dragão ter rastejado sobre o buraco e enfiou a espada Gram bem no coração dele.

O dragão bateu sua cauda em volta, despedaçando rochas e derrubando árvores. E quando viu que ia morrer, disse:

— Quem quer que seja você que me matou, esse ouro será sua ruína, e a ruína de todos aqueles que o possuírem.

Sigurd disse:

— Se eu pudesse evitar a morte, não o tocara. Mas todos os homens morrem, e um homem corajoso enfrenta a morte para obter aquilo que deseja. Morra, Fafnir!

E Fafnir morreu.

E Sigurd passou a ser chamado de “O algoz de Fafnir”, e “Matador de dragões”.

Então Sigurd voltou, e encontrou com Regin, que disse a ele para assar o coração de Fafnir e deixá-lo provar.

## A HISTÓRIA DE SIGURD

Sigurd pôs o coração de Fafnir para assar em um espeto. Mas aconteceu de ele tocá-lo por acidente, queimando o dedo. Ele pôs o dedo na boca, e assim provou o coração de Fafnir.

E imediatamente ele compreendeu a linguagem dos pássaros e ouviu o que diziam os pica-paus:

— Eis Sigurd, assando o coração de Fafnir para outro quando devia ser ele mesmo a prová-lo e aprender toda a sabedoria.

O pássaro ao lado disse:

— Eis Regin, pronto para trair Sigurd, que confia nele.

O terceiro pássaro disse:

— Que ele corte a cabeça de Regin e fique com todo o ouro para si mesmo.

O quarto pássaro disse:

— Que ele faça isso e então vá para Hindfell, o lugar onde Brynhild dorme.

Ao ouvir essas palavras, e como Regin tramava traí-lo, Sigurd cortou a cabeça dele com um só golpe da espada Gram.

Então todos os pássaros cantaram, e era uma canção sobre uma bela jovem que dormia num lugar cercado por fogo, à espera dele para acordá-la.

E Sigurd lembrou-se de que havia uma história sobre uma bela dama enfeitiçada num lugar muito distante dali. Ela estava sob um encanto, que a fazia dormir num castelo cercado por chamas; lá ela dormiria até que chegasse um cavaleiro capaz de atravessar o fogo para acordá-la. Ele decidiu ir até lá, mas antes seguiu o horrível rastro de Fafnir. E encontrou sua caverna, que era bem profunda, tinha portas de ferro e estava cheia de braceletes, coroas e anéis de ouro. Lá Sigurd achou também o Elmo do Pavor, que era de ouro

ANDREW LANG

e deixava invisível quem o usava. Ele carregou tudo isso no bom cavalo Grani, e então partiu para Hindfell, ao sul.

Já era de noite e, no cimo de uma colina, Sigurd viu um fogo vermelho brilhando no céu e dentro das chamas um castelo, com um estandarte na torre mais alta. Então ele arremeteu contra o fogo com seu cavalo Grani, que o saltou com leveza, como se não passasse de um arbusto. Sigurd passou pelo portão do castelo e viu alguém dormindo, usando uma armadura. Ele tirou o elmo da pessoa adormecida e viu com surpresa que era uma dama das mais belas. Ela acordou e disse:

— Ah, é Sigurd, o filho de Sigmund, que quebrou a maldição e veio enfim me acordar?

A maldição tinha sido posta nela quando o espinho da árvore do sono picou sua mão, tempos atrás, como uma punição por ter desagradado ao deus Odin. E tempos atrás ela também tinha jurado nunca se casar com um homem que tivesse medo e que não ousasse atravessar as chamas. Pois ela era uma guerreira e ia para as batalhas armada como um homem. Mas agora ela e Sigurd se apaixonaram, e prometeram ser fiéis um ao outro. Ele deu a ela um anel, o último anel do anão Andvari. Então Sigurd partiu, e encontrou o castelo de um rei que tinha uma bela filha. O nome dela era Gudrun, e sua mãe era uma feiticeira. Gudrun se apaixonou por Sigurd, mas ele só falava em Brynhild, em como ela era bela e o quanto ele a amava. Um dia, a mãe feiticeira de Gudrun pôs sementes de papoula e outras drogas de esquecimento numa taça mágica, e fez Sigurd beber à saúde dela. No mesmo instante, ele esqueceu a pobre Brynhild e se apaixonou por Gudrun, e eles se casaram com grandes festejos.

A feiticeira, mãe de Gudrun, quis então que seu filho

## A HISTÓRIA DE SIGURD

Gunnar casasse com Brynhild, e disse a ele para ir com Sigurd fazer a corte a ela. Eles partiram para o castelo do pai dela, pois Brynhild tinha saído completamente da cabeça de Sigurd por causa da poção da feiticeira, mas ela ainda lembrava dele e o amava.

O pai de Brynhild disse a Gunnar que ela só casaria com alguém capaz de atravessar o fogo em frente à torre encantada, e para lá eles foram. Gunnar tentou passar pelas chamas, mas seu cavalo não quis enfrentá-las. Gunnar tentou usar o cavalo de Sigurd, mas, montado por ele, Grani não se movia. Gunnar lembrou-se dos feitiços que sua mãe havia lhe ensinado, e com eles fez Sigurd ficar exatamente igual a ele, e ele exatamente igual a Sigurd. Então Sigurd, sob a forma de Gunnar, montou em Grani, que saltou a cerca de fogo, e o rapaz foi até Brynhild, mas ainda nada lembrava dela, por causa da poção de esquecimento da feiticeira.

E Brynhild não teve alternativa a não ser prometer casar com ele, ser a esposa de Gunnar, pois Sigurd estava sob a forma de Gunnar, e ela prometera casar com quem quer que atravessasse o fogo. E ele deu a ela um anel, e ela devolveu a ele o anel que ele tinha lhe dado antes sob sua própria forma de Sigurd, aquele que era o último anel do pobre anão Andvari. Ele voltou e trocou de aparência com Gunnar e, cada um retomando a sua própria forma, voltaram ao castelo da rainha feiticeira, e Sigurd deu o anel do anão à sua esposa Gudrun. Brynhild foi ter com seu pai e disse que um príncipe chamado Gunnar havia atravessado o fogo, e ela teria de se casar com ele.

— E, no entanto, eu achava — ela disse — que nenhum homem conseguiria tal proeza a não ser Sigurd, “O algoz de Fafnir”, que era o meu verdadeiro amor. Mas ele se esqueceu de mim e tenho de manter minha promessa.



ANDREW LANG

Então Gunnar e Brynhild se casaram, embora não tivesse sido Gunnar que atravessara o fogo, mas Sigurd disfarçado.

Quando acabou o casamento e todos os festejos, a mágica da poção da feiticeira deixou a mente de Sigurd, e ele se lembrou de tudo. Lembrou-se de que libertara Brynhild do encanto, e que era ela seu verdadeiro amor, também recordou que a esquecera e casara com outra mulher, e que conquistara Brynhild para ser a mulher de outro homem.

Mas ele era corajoso, e nada disse aos outros, para não fazê-los infelizes. Não conseguia escapar, entretanto, da maldição sobre todo aquele que possuísse o tesouro do anão Andvari e seu anel de ouro fatal.

E a maldição logo voltou a se abater sobre todos eles. Pois um dia, quando Brynhild e Gudrun estavam se banhando em um rio, Brynhild foi mais fundo nas águas, e disse que fizera isso para provar sua superioridade sobre Gudrun, porque o marido dela, disse, tinha atravessado o fogo que nenhum outro homem ousara enfrentar. Gudrun ficou muito brava, e disse que tinha sido Sigurd, e não Gunnar, que atravessara o fogo, e recebera de volta de Brynhild aquele anel fatal, o anel do anão Andvari.

Então Brynhild viu o anel que Sigurd dera a Gudrun e soube de tudo. Ficou tão pálida como morta e foi para casa. Durante aquela noite, ficou em silêncio. Na manhã seguinte, disse a Gunnar, seu marido, que ele era um covarde e um mentiroso, pois jamais atravessara o fogo, mas mandara Sigurd no lugar dele, e fingira que tinha sido ele. E disse que ele jamais voltaria a vê-la feliz em sua casa, bebendo vinho, jogando xadrez, bordando com fios de ouro ou trocando palavras carinhosas. Então ela rasgou todos os seus bordados e chorou bem alto, para que todos na casa a ouvissem. Pois seu coração se partira, e no mesmo instante também seu

## A HISTÓRIA DE SIGURD

orgulho. Perdera seu verdadeiro amor, Sigurd, “O algoz de Fafnir”, e casara com um homem mentiroso.

Sigurd tentou consolá-la, mas ela não quis ouvi-lo e disse que queria atravessar o próprio coração com uma espada.

— Não terá que esperar muito — ele disse — até a espada atravessar o meu coração, pois você não viverá muito depois que eu morrer. Mas, Brynhild, querida, console-se e siga vivendo, e ame Gunnar, seu marido, e eu lhe darei todo o ouro, o tesouro do dragão Fafnir.

Brynhild disse:

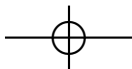
— Tarde demais.

Sigurd se viu tomado de tamanha tristeza que seu coração inchou em seu peito e os anéis de sua malha de ferro se romperam.

Ele então se foi, e Brynhild decidiu matá-lo. Misturou veneno de serpente com carne de lobo, e ofereceu-os num prato para o irmão mais novo de seu marido. Quando ele comeu ficou enlouquecido, foi até o quarto de Sigurd enquanto ele dormia e o prendeu à cama atravessando-o com uma espada. Mas Sigurd acordou, agarrou a espada Gram e atirou-a no homem que fugia, partindo-o ao meio. E assim morreu Sigurd, “O algoz de Fafnir”, que nem dez homens seriam capazes de matar num combate justo. Então Gudrun acordou, viu-o morto e ficou aos prantos; Brynhild a ouviu e riu, mas o bom cavalo Grani se deitou e morreu de tristeza. Depois Brynhild se pôs a chorar amarga e desesperadamente, até que seu coração se partiu de vez. Então os outros puseram em Sigurd sua armadura dourada, acenderam uma fogueira a bordo de seu navio, e de noite nele puseram os mortos Sigurd e Brynhild, e o bom cavalo Grani, atearam fogo e o lançaram ao mar. E o vento levou a embarcação ardendo para o mar, as chamas brilhando na escuridão. Si-

ANDREW LANG

gurd e Brynhild foram cremados juntos, e a maldição do  
anão Andvari se cumpriu.



# Os salvadores da pátria

*Edith Nesbit*

Tudo começou quando caiu um cisco no olho de Effie. Doía muito, parecia que ela tinha uma fagulha incandescente no olho — só que com pernas e asas também, como uma mosca. Effie esfregou os olhos, chorou — não um choro de verdade, mas daquele que o olho chora por conta própria, sem você precisar se sentir horrível por dentro — e foi atrás do pai para que ele tirasse o cisco. O pai de Effie era médico e sabia como tirar ciscos dos olhos — e ele o fez muito habilmente, usando um pincel macio embebido em óleo de rícino.

Quando tirou o cisco, ele disse:

— Isso é muito curioso.

Effie teve muitos ciscos no olho antes, e seu pai sempre achou normal — um tanto aborrecido e descuidado, talvez, mas ainda assim normal. Ele nunca tinha achado curioso.

Effie ficou lá com seu lenço no olho, dizendo:

— Não acredito que enfim saiu. — As pessoas sempre dizem isso quando tiram um cisco dos olhos.

## OS SALVADORES DA PÁTRIA

— Ah, sim, saiu — disse o doutor. — Está aqui, no pincel. E é muito interessante.

Effie nunca ouvira seu pai falar isso sobre qualquer coisa em que ela tivesse parte. Ela disse:

— O quê?

O doutor levou o pincel com muito cuidado para o outro lado da sala, pôs a ponta dele sob seu microscópio e ajustou os botões. E espiou pela parte de cima do microscópio com um olho só.

— Minha nossa! — ele disse. — Minha nossa! Quatro membros bem desenvolvidos; um longo apêndice caudal; cinco dedos, de comprimento desigual; quase igual a um dos *Lacertidae* e, no entanto, há traços de asas.

A criatura retorceu-se um pouco no óleo de rícino, e ele continuou:

— Sim, uma asa similar à dos morcegos. Um novo espécime, sem a menor dúvida. Effie, corra até o professor e peça para ele fazer a gentileza de vir aqui por alguns minutos.

— Você podia me dar umas moedas, papai — disse Effie —, porque fui eu que trouxe para você o novo espécime. Eu tomei bastante cuidado com ele dentro do meu olho; e meu olho está mesmo doendo.

O doutor estava tão contente com o novo espécime que deu a Effie algum trocado; logo o professor apareceu. Ele ficou para o almoço; discutiram muito contentes a tarde inteira sobre o nome e a família da coisa que saíra do olho de Effie.

Mas na hora do jantar outra coisa aconteceu. Harry, o irmão de Effie, pescou alguma coisa dentro de seu chá, que ele a princípio achou que era uma pequena centopeia. Estava a ponto de jogá-la no chão, e acabar com a vida dela da maneira usual, quando ela se sacudiu na colher — abriu

EDITH NESBIT

duas asas molhadas e se deixou cair na toalha da mesa. E lá ficou, se esfregando com suas patas e esticando as asas, e Harry disse:

— Ora, é uma salamandra minúscula!

O professor debruçou-se antes que o doutor pudesse dizer uma palavra.

— Dou-lhe meia coroa por ele, Harry, meu rapaz — disse bem rápido; e então pegou-o cuidadosamente com seu lenço.

— É um novo espécime — disse. — E superior ao seu, doutor.

Era um lagarto minúsculo, de um centímetro e meio de comprimento, com escamas e asas.

Agora, tanto o doutor quanto o professor tinham o seu espécime e estavam ambos muito satisfeitos. Mas não demorou muito para esses espécimes ficarem bem menos valiosos, porque na manhã seguinte, quando o engraxate lustrava as botas do doutor, ele, de repente, largou a escova e a graxa, gritando que tinha sido queimado.

De dentro da bota saiu rastejando um lagarto do tamanho de um gato, com asas grandes e brilhantes.

— Ora — disse Effie —, eu sei o que é isso. É um dragão, igual ao que São Jorge matou.

E Effie estava certa. Naquela tarde, Towser foi mordido no jardim por um dragão do tamanho de um coelho, que ele tentara caçar, e na manhã seguinte todos os jornais só falavam dos “lagartos com asas” que estavam aparecendo por todo o país. Os jornais não os chamavam de dragões porque, claro, ninguém acredita em dragões hoje em dia — e obviamente os jornais não seriam tolos a ponto de acreditar em contos de fadas. A princípio, havia apenas uns poucos, mas em uma ou duas semanas o país estava simplesmente infestado de dragões de todos os tamanhos, e era possível

## OS SALVADORES DA PÁTRIA

às vezes ver muitos deles no ar, como um enxame de abelhas. Eram todos iguais, exceto no tamanho. Eram verdes com escamas, tinham quatro patas, uma cauda comprida, e grandes asas parecidas com as dos morcegos, exceto pelo fato de que eram de um amarelo claro, semitransparente, como as caixas de câmbio das bicicletas.

Exalavam fogo e fumaça, como convém a todo dragão legítimo, mas ainda assim os jornais continuaram fingindo que eram lagartos, até que o editor do *Standard* foi pego por um deles e levado embora, e então o resto do pessoal do jornal ficou sem quem lhes dissesse no que deviam ou não acreditar. Quando o maior elefante do zoológico foi levado por um dragão, os jornais desistiram de fingir, e imprimiram a manchete “Alarmante praga de dragões” na primeira página.

Você nem imagina o quanto era alarmante e ao mesmo tempo o quanto era irritante. Os dragões de tamanho grande eram certamente terríveis, mas depois que se descobriu que eles iam para a cama cedo porque tinham medo do ar frio da noite, bastava passar o dia inteiro dentro de casa para ficar a salvo deles. Mesmo assim, os de tamanhos menores eram um perfeito incômodo. Os do tamanho de centopeias ficavam caindo na sopa ou na manteiga. Os do tamanho de cachorros pulavam nas banheiras, e o fogo e a fumaça dentro deles fazia com que a água fria da torneira virasse vapor instantaneamente, de modo que pessoas descuidadas podiam se queimar seriamente. Os do tamanho de pombos entravam nas cestas de costura e nas gavetas e mordiam quem estava com pressa de pegar uma agulha ou um lenço. Os do tamanho de uma ovelha eram mais fáceis de se evitar, porque era possível vê-los chegando; mas quando eles voavam pelas janelas e se aninhavam debaixo das cober-



EDITH NESBIT

tas, e não se notava antes de entrar na cama, era sempre um choque. Os desse tamanho não comiam gente, só alface, mas eles sempre chamuscavam os lençóis e as fronhas horripelmente.

Claro, o Conselho do Condado e a polícia fizeram tudo o que havia para fazer, mas oferecer a mão da princesa a quem matasse o dragão não adiantava. Essa solução era muito boa nos velhos tempos, quando havia apenas um dragão e uma princesa, mas agora havia bem mais dragões do que princesas, mesmo a família real sendo bem grande. Além disso, seria um desperdício de princesas oferecê-las como recompensa a quem matasse dragões, porque todo mundo matava tantos dragões quanto podia, inteiramente por conta própria e sem pensar em recompensas, apenas para tirar da frente aqueles bichos tão desagradáveis.

O Conselho do Condado encarregara-se de cremar todos os dragões entregues entre as dez e as catorze horas. Havia carrinhos, carroças e caminhões cheios de dragões mortos todos os dias da semana, fazendo uma longa fila na rua em que ficava o prédio do Conselho. Meninos traziam carrinhos de mão cheios de dragões, e crianças na volta da escola, no fim da manhã, paravam para deixar um ou dois punhados de dragões que traziam em suas malas, ou no bolso, embrulhados em seus lenços. No entanto, parecia continuar a haver tantos dragões quanto antes. Então a polícia ergueu torres de pano e madeira cobertas de cola. Quando os dragões ao voar batiam nessas torres, ficavam grudados como moscas e vespas no papel mata-moscas da cozinha; quando as torres ficavam todas cobertas de dragões, o inspetor da polícia punha fogo nelas, queimando os dragões e o resto junto.

E no entanto parecia haver ainda mais dragões que antes. As lojas estavam cheias de veneno para dragão, sabão

## OS SALVADORES DA PÁTRIA

antidragão e cortinas à prova de dragão para as janelas; de fato, tudo o que era possível foi feito.

E, no entanto, parecia haver ainda mais dragões que antes.

Não era muito fácil descobrir o que envenenava um dragão, porque eles comiam as coisas mais variadas. Os maiores comiam elefantes, enquanto havia elefantes, depois passaram a comer cavalos e vacas. Um outro tamanho não comia nada a não ser lírios do vale, e um terceiro tamanho comia apenas primeiros-ministros se os havia disponíveis; em não havendo, se alimentavam generosamente de meninos que trabalhavam de uniforme como criados. Outro tamanho vivia de tijolos, e três deles comeram dois terços da enfermaria de South Lambeth em uma tarde.

Mas aqueles de que Effie tinha mais medo eram os tão grandes quanto a sala de jantar; os desse tamanho comiam menininhas e menininhos.

A princípio Effie e seu irmão ficaram muito satisfeitos com as mudanças na vida deles. Era tão divertido ficar acordado a noite inteira em vez de ir dormir, e brincar no jardim iluminado com luz elétrica. E soava tão engraçado ouvir a mãe dizer, quando iam para a cama:

— Boa-noite, meus queridos, durmam bem o dia todo, e não levantem muito cedo. Vocês não podem sair da cama até ficar bem escuro. Não vão querer que os horríveis dragões os peguem.

Mas depois de um tempo cansaram de tudo aquilo. Queriam ver as flores e as árvores crescendo no campo e o sol brilhando do lado de fora, em vez de através do vidro e da cortina à prova de dragão das janelas. E queriam brincar na grama, o que não era permitido no jardim iluminado com luz elétrica por causa da umidade do orvalho.

EDITH NESBIT

Eles queriam tanto sair lá fora, uma vez que fosse, na bela, brilhante e perigosa luz do dia, que começaram a tentar achar alguma razão para terem de sair. Só que não gostavam de desobedecer.

Mas uma manhã a mãe deles estava ocupada preparando algum novo veneno para dragão para pôr na adega, e o pai estava fazendo um curativo na mão do engraxate que fora arranhado por um dos dragões que gostava de comer primeiros-ministros quando disponíveis, de modo que ninguém lembrou de dizer às crianças “não levantem até ficar escuro”.

— Vamos agora — disse Harry. — Não vai ser desobediência. E eu sei exatamente o que temos que fazer, só não sei como vamos fazer.

— O que temos que fazer? — perguntou Effie.

— Temos que acordar São Jorge, claro — disse Harry. — Ele era a única pessoa da cidade que sabia como lidar com os dragões; o pessoal dos contos de fadas não conta. Mas São Jorge é uma pessoa de verdade, ele só está dormindo, à espera de ser acordado. Só que ninguém acredita mais em São Jorge. Ouvi papai dizer isso.

— Nós acreditamos — disse Effie.

— Claro que sim. E você não percebe, Ef, qual a razão para eles não conseguirem acordá-lo? Não dá para acordar alguém em quem não se acredita, dá?

Effie disse que não, mas onde eles iam encontrar São Jorge?

— Precisamos procurá-lo — disse Harry decididamente. — Você vai usar um vestido à prova de dragão, feito do mesmo pano que as cortinas. Vou passar no corpo o melhor veneno para dragão e...

Effie apertou as mãos e pulou de alegria dizendo:

## OS SALVADORES DA PÁTRIA

— Oh, Harry! Eu sei onde podemos achar São Jorge! Na igreja de São Jorge, claro.

— Hum — disse Harry, querendo que tivesse sido ele a pensar nisso. — Você às vezes até que é inteligente para uma menina.

Na tarde seguinte, bem cedo, muito antes que os raios do pôr do sol anunciassem a noite chegando, quando todo mundo iria acordar para ir trabalhar, as duas crianças saíram da cama. Effie enrolou em volta dela um xale de musselina à prova de dragões — não havia tempo para fazer um vestido — e Harry passou uma melega de veneno para dragão. Era seguramente inofensivo para crianças e inválidos, de modo que ele não precisava se preocupar.

Eles se deram as mãos e saíram para ir até a igreja de São Jorge. Como você sabe, há muitas igrejas de São Jorge, mas por sorte eles viraram a esquina que levava à certa, e lá se foram sob o sol brilhante, sentindo-se muito corajosos e aventureiros.

Não havia ninguém nas ruas a não ser dragões, e a cidade estava simplesmente infestada deles. Por sorte nenhum era do tamanho certo para comer menininhos e menininhas, se não talvez esta história terminasse aqui. Havia dragões na calçada, dragões na rua, dragões tomando sol nas escadarias dos prédios públicos, dragões alisando as asas nos telhados. A cidade estava toda verde deles. Mesmo quando as crianças saíram da cidade e seguiram pela estrada, elas perceberam que os campos dos dois lados estavam mais verdes que o normal, com todas aquelas escamas e caudas; e alguns dos menores haviam feito ninhos de asbestos nas cercas-vivas de espinheiro florido.

Effie segurava a mão de seu irmão apertando muito. Quando um dragão gordo bateu as asas perto de sua orelha,

EDITH NESBIT

ela deu um berro, fazendo com que uma revoada de dragões verdes levantasse voo do campo, se espalhando pelo céu. As crianças podiam ouvir o ruído das asas dos dragões no ar.

— Oh, quero ir para casa — disse Effie.

— Não seja boba — disse Harry. — Com certeza você não esqueceu dos Sete Campeões e suas princesas. As pessoas que vão ser os salvadores da pátria nunca berram e dizem que querem ir para casa.

— E nós... somos? — Effie perguntou. — Salvadores, quero dizer.

— Você vai ver — disse o irmão dela, e eles seguiram em frente.

Quando chegaram à igreja de São Jorge encontraram a porta aberta e entraram; mas São Jorge não estava lá. Eles foram para o cemitério do lado de fora da igreja e logo acharam a grande tumba de pedra de São Jorge, com a figura dele esculpida em mármore do lado de fora, com sua armadura, capacete e as mãos cruzadas sobre o peito.

— Como vamos acordá-lo? — pensaram. Então Harry falou com São Jorge, mas ele não respondia; e aí ele tentou acordar o grande matador de dragões chacoalhando seus ombros de mármore. Mas São Jorge nem notou.

Então Effie começou a chorar, e pôs os braços em volta do pescoço de São Jorge o melhor que pôde; ela beijou o rosto de mármore e disse:

— Oh, caro, bom, gentil São Jorge, por favor acorde e nos ajude.

E com isso São Jorge abriu os olhos sonolentemente, se espreguiçou e disse:

— Qual é o problema, menininha?

Então as crianças contaram tudo o que havia para contar. São Jorge se virou em seu mármore e apoiou-se num

## OS SALVADORES DA PÁTRIA

cotovelo para escutar. Mas quando soube que havia tantos dragões balançou a cabeça.

— Assim não dá — ele disse. — São dragões demais para o velho Jorge. Vocês deviam ter me acordado antes. Sempre fui a favor de lutas justas: um homem, um dragão, era meu lema.

Bem naquele momento uma revoada de dragões passou por cima deles, e São Jorge ameaçou desembainhar a espada. Mas ele balançou a cabeça de novo e empurrou a espada de volta para o lugar dela, enquanto os dragões iam ficando pequenos e distantes.

— Não posso fazer nada — ele disse. — As coisas mudaram desde a minha época. Santo André me contou. Ele foi acordado na greve dos maquinistas e veio conversar comigo. Disse que hoje em dia tudo se faz com máquinas; deve haver algum maneira de dar um jeito nesses dragões. Falando nisso, como tem estado o tempo ultimamente?

A pergunta soou tão descabida e indelicada que Harry se recusou a responder, mas Effie disse pacientemente:

— Muito bom. Papai disse que é o verão mais quente que já houve nesse país.

— Ah, foi o que imaginei — disse o campeão, pensativo. — Bom, a única coisa que podia ajudar... Dragões não suportam o frio e a umidade, essa é a única coisa. Se ao menos vocês conseguissem achar as torneiras...

São Jorge estava começando a se ajeitar de novo em sua lápide de pedra.

— Boa-noite, sinto muito não poder ajudá-los — disse, bocejando por trás de sua mão de mármore.

— Ah, mas você pode — exclamou Effie —, falando sobre as torneiras.

— Ah, igual no banheiro — disse São Jorge, ainda mais

EDITH NESBIT

sonolento. — E tem um espelho, também: mostra o mundo todo e o que acontece nele. São Dionísio que me contou, disse que era uma coisa muito bonita. Sinto muito não... Boa-noite.

Ele voltou a seu mármore e num instante dormia profundamente.

— Nós nunca vamos achar as torneiras — disse Harry. — Escuta, não ia ser terrível se São Jorge acordasse justo quando houvesse um dragão por perto, um do tamanho dos que comem campeões?

Effie tirou seu xale à prova de dragão.

— Não encontramos nenhum dos do tamanho da sala de jantar — ela disse. — Acho que estamos seguros.

Então ela cobriu São Jorge com o pano, e Harry esfregou o máximo que conseguiu de veneno para dragão na armadura de São Jorge, de modo a deixá-lo bem seguro.

— Podemos nos esconder na igreja até escurecer — ele disse — e então...

Mas naquele momento uma sombra escura se abateu sobre eles, e eles viram que era um dragão exatamente do tamanho da sala de jantar de casa. E viram que tudo estava perdido. O dragão arremeteu para o solo e pegou os dois com suas garras, Effie pelo cinto verde de seda dela, e Harry pela pontinha da parte de trás de sua jaqueta — e então, abrindo suas enormes asas amarelas, alçou voo, fazendo um barulhão igual a um vagão de terceira classe com o breque puxado.

— Oh, Harry — disse Effie —, me pergunto quando ele vai nos comer!

O dragão estava voando por cima de florestas e campos com o lento bater de suas enormes asas, atravessando quinhentos metros a cada batida.

## OS SALVADORES DA PÁTRIA

Harry e Effie podiam ver o campo lá embaixo, cercas e rios e igrejas e casas de fazendas ficando para trás embaixo deles, muito mais rápido do que passavam no mais rápido dos trens expressos.

E o dragão continuava a voar. As crianças viram outros dragões no ar por onde passavam, mas o dragão que era do tamanho da sala de jantar nunca parou para falar com nenhum deles, apenas continuou voando adiante num ritmo constante.

— Ele sabe para onde está indo — disse Harry. — Ah, se ao menos ele nos largasse antes de chegar lá!

Mas o dragão segurava-os firme, e voou e voou e voou, até que finalmente, quando as crianças estavam já bem tontas, aterrissou no topo de uma montanha, com todas as suas escamas retinindo. Deitou seu corpo escamoso e verde, ofegando, completamente sem fôlego de tanto que voara. Mas suas garras estavam firmes no cinto de Effie e na jaqueta de Harry.

Então Effie catou o canivete que Harry lhe dera de presente de aniversário. Ela já o tinha há um mês e até agora tudo o que conseguira fazer com ele foi apontar lápis de ardósia, mas de algum jeito ela fez com que aquele canivete cortasse o cinto dela, e ela se livrou dele, deixando o dragão apenas com uma tira de seda verde em suas garras. Mas aquele canivete jamais cortaria a jaqueta de Harry. Depois de tentar um bocado, Effie viu que não tinha jeito e desistiu. Mas com a ajuda dela Harry conseguiu esgueirar-se para fora das mangas, de modo que o dragão ficou apenas com a jaqueta na garra. Então as crianças foram na ponta dos pés até uma rachadura nas pedras e entraram nela. Era estreita demais para o dragão entrar também, e lá elas ficaram, esperando para fazer caretas para o dragão quando ele tivesse



EDITH NESBIT

descansado o bastante para se sentar e começar a pensar em comê-los. Ele ficou muito bravo mesmo quando eles fizeram caretas e exalou fogo e fumaça, mas eles correram mais para dentro da caverna para não serem alcançados, e o dragão acabou cansando e indo embora.

Mas os dois estavam com medo de sair da caverna, então eles continuaram andando para dentro, e a caverna foi se alargando e ficando maior, e o chão dela era de areia macia, e quando eles chegaram ao fim dela havia uma porta, na qual estava escrito: Sala Universal das Torneiras. Privativo. Entrada Proibida a Todos.

Eles abriram a porta na mesma hora para espiar dentro, lembrando do que São Jorge dissera.

— A nossa situação não pode ficar pior do que já está — disse Harry — com um dragão esperando do lado de fora. Vamos entrar.

Entraram decididamente na sala das torneiras, e fecharam a porta atrás de si.

Numa espécie de sala cavada na rocha sólida, havia torneiras ao longo de uma das paredes. Todas as torneiras tinham rótulos feitos de plaquinhas de porcelana como os das estâncias de águas minerais. Como ambos eram capazes de ler palavras de duas sílabas e às vezes até mesmo de três, eles entenderam no mesmo instante que tinham achado o lugar onde se liga o tempo. Havia três torneiras grandes com os rótulos: “sol”, “vento”, “chuva”, “neve”, “granizo”, “geada”; e várias menores, dizendo: “leve a moderada”, “chuvoso”, “brisa do sul”, “bom para as plantas crescerem”, “patinação”, “vento sul”, “vento leste”, e por aí afora.

A torneira grande com o rótulo “sol” estava inteira aberta. Não dava para ver nenhuma luz do sol — a caverna era iluminada por uma claraboia de vidro azul — de modo que

## OS SALVADORES DA PÁTRIA

eles acharam que a luz do sol devia estar saindo por algum outro lugar, como acontece com a torneira que lava as partes de baixo de certas pias de cozinha.

Eles viram que do outro lado da sala havia apenas um grande espelho, e olhando por ele podia se ver tudo que estava acontecendo no mundo — tudo de uma vez só, também, bem diferente da maioria dos outros espelhos. Eles viram as carroças entregando dragões mortos no prédio do Conselho do Condado, e viram São Jorge dormindo sob o tecido à prova de dragão. Viram a mãe deles em casa chorando porque seus filhos tinham saído na terrível e perigosa luz do dia e estava com medo de um dragão tê-los comido. Viram a Inglaterra inteira, feito um grande mapa de quebra-cabeça, verde nas partes do campo, marrom nas cidades, e preto nos lugares onde se faz carvão e cerâmica e facas e substâncias químicas. Cobrindo tudo, as partes pretas, verdes e marrons, havia uma rede de dragões verdes. E eles puderam ver que ainda era dia, e os dragões ainda não tinham ido para a cama. Effie disse:

— Dragões não gostam do frio.

E ela tentou fechar o sol, mas a torneira estava com defeito, e era essa a razão de estar fazendo tanto calor, e dos dragões terem sido chocados a ponto de quebrarem seus ovos. Deixaram a torneira do sol em paz, mas abriram a de neve e a deixaram inteira aberta enquanto iam olhar no espelho. Viram os dragões correndo para todos os lados como as formigas fazem se você é cruel o suficiente para derramar água num formigueiro, o que você nunca é, claro. E cada vez caía mais neve.

Então Effie abriu inteira a torneira da chuva, e logo os dragões estavam se mexendo menos, e aos poucos alguns deles foram ficando completamente imóveis, e as crianças

EDITH NESBIT

sabiam que a água tinha apagado o fogo dentro deles e eles estavam mortos. Eles abriram então a de granizo — só até a metade, com medo de quebrar as janelas das pessoas — e depois de um tempo não havia mais dragões se movendo.

As crianças souberam então que eram de fato os salvadores da pátria.

— Vão erguer um monumento pra gente — disse Harry — tão alto quanto o do Almirante Nelson! Todos os dragões morreram.

— Espero que o que estava esperando por nós do lado de fora esteja morto! — disse Effie. — E quanto ao monumento, Harry, não sei não. O que eles vão fazer com esse monte de dragões mortos? Iria levar anos e anos para queimar todos, e nem dá para queimá-los agora que eles estão todos ensopados. Gostaria que a chuva levasse todos eles para o mar.

Mas isso não aconteceu, e as crianças começaram a achar que não tinham sido tão terrivelmente espertas assim, no final das contas.

— Para que será que essa coisa velha serve? — disse Harry. Tinha achado uma torneira velha e enferrujada, que parecia não ser usada há um monte de tempo. O rótulo de porcelana estava coberto de poeira e teias de aranha. Quando Effie a limpou com a ponta de sua saia (pois curiosamente ambas as crianças haviam saído sem seus lenços) ela descobriu que estava escrito “ralo”.

— Vamos abri-la — ela disse. — Quem sabe leva os dragões.

A torneira estava emperrada, mas juntos eles conseguiram abri-la, e correram para o espelho para ver o que tinha acontecido.

Um enorme e redondo buraco negro havia aparecido

## OS SALVADORES DA PÁTRIA

bem no meio do mapa da Inglaterra, e os lados do mapa se inclinaram, de modo que a água da chuva corria toda para o buraco.

— Viva, viva, viva! — gritou Effie, e correu de volta para as torneiras para abrir tudo o que parecia molhado: “chuvoso”, “bom para as plantas crescerem”, e até “vento sul” e “vento sudeste”, pois ouvira seu pai dizer que esses ventos traziam chuva.

A chuva caía torrencial em todo o país, e grandes ondas corriam para o centro do mapa, cataratas caíam no grande buraco redondo no meio do mapa e os dragões estavam sendo levados para desaparecerem cano abaixo pelo ralo, em compactas massas verdes e espalhados grumos verdes, dragões sozinhos e dragões às dezenas, dos que carregavam elefantes aos que caíam no chá.

Logo não havia nenhum dragão. Fecharam a torneira “ralo”, e fecharam até a metade a que estava marcada “sol” — estava quebrada, de modo que não puderam fechá-la até o fim. Abriram “leve a moderada” e “chuvoso”, e as duas torneiras emperraram, e não dava mais para fechá-las, o que explica o clima do país.

Como eles voltaram para casa? Pela estrada de ferro de Snowdon, claro.

E a pátria ficou agradecida? Bom, a pátria estava muito molhada. E quando enfim a pátria ficou seca de novo, estava mais interessada numa nova invenção que usava eletricidade para assar muffins, e todos os dragões já tinham sido quase esquecidos. Dragões não parecem assim tão importantes depois de terem morrido e sumido todos e, você sabe, nunca foi oferecida uma recompensa.

EDITH NESBIT

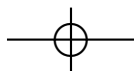
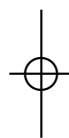
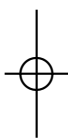
E o que disseram o pai e a mãe quando Effie e Harry chegaram em casa? É o tipo da pergunta boba que vocês crianças sempre fazem. No entanto, só dessa vez não vou me importar de responder. A mãe disse:

— Oh meus queridos, meus queridos, vocês estão salvos! Suas crianças travessas, como puderam ser tão desobedientes? Já para a cama!

E o pai deles, o doutor, disse:

— Se eu soubesse o que vocês iam fazer! Queria ter preservado um espécime. Joguei fora o que tirei do olho da Effie. Pretendia pegar um espécime em melhores condições. Não previ essa tão imediata extinção dos dragões.

O professor nada disse, mas esfregou as mãos. Tinha guardado o seu espécime — o do tamanho de uma pequena centopeia, pelo qual dera meia coroa a Harry — e o tem até hoje. Você precisa conseguir que ele o mostre para você!



# O dragão relutante

*Kenneth Grahame*

Tempos atrás — pode ter sido centenas de anos atrás —, em um chalé a meio caminho entre uma aldeia e as encostas dos Downs, no sul da Inglaterra, vivia um pastor com sua mulher e seu filho. O pastor passava os dias — e em certas épocas do ano, as noites também — lá em cima nas vastas encostas, tendo apenas o sol, as estrelas e as ovelhas de companhia, bem longe da cordial tagarelice do mundo dos homens e das mulheres. Mas seu filho, quando não estava ajudando o pai, e às vezes quando estava também, passava grande parte de seu tempo imerso em grossos volumes que ele emprestava da gente culta afável e dos vigários letrados da região. E seus pais gostavam muito e também tinham bastante orgulho dele, embora não dissessem a ele, de modo que o deixavam viver sua vida e ler o quanto quisesse. Em vez de frequentemente levar uns sopapos na cabeça, como bem poderia ter acontecido, ele era tratado mais ou menos como um igual por seus pais, os quais achavam sensatamente que era uma divisão de trabalho muito justa aquela: eles

## O DRAGÃO RELUTANTE

forneciam o conhecimento prático, e ele o que se encontrava nos livros. Sabiam que o conhecimento dos livros, não raro, podia se revelar muito útil numa emergência, apesar do que os seus vizinhos diziam. O que sobretudo interessava o menino era história natural e contos de fadas, e ele ia lendo os dois assuntos conforme apareciam, de um jeito meio misturado, sem fazer quaisquer distinções — e realmente esse seu modo de ler parece bastante sensato.

Um dia, ao entardecer, o pastor, que fazia algumas noites andava incomodado e preocupado, fora de seu usual equilíbrio mental, voltou para casa tremendo e, sentando à mesa onde sua mulher e filho estavam tranquilamente ocupados, ela com sua costura, ele com as aventuras do *Gigante sem coração em seu corpo*, exclamou muito agitado:

— Está tudo acabado para mim, Maria! Nunca mais de jeito nenhum eu vou poder subir lá nas encostas, nem uma vez mais!

— Não fique assim — disse sua mulher, que era muito sensata. — Primeiro, conte-nos tudo o que aconteceu, o que foi que lhe causou toda essa agitação e, então, comigo e com o filho aqui, talvez a gente consiga esclarecer o assunto.

— Começou algumas noites atrás — disse o pastor. — Sabe aquela caverna que tem lá em cima? Eu nunca gostei dela, por algum motivo, e as ovelhas também não, e quando as ovelhas não gostam de alguma coisa, em geral, há uma razão. Bom, já faz algum tempo que dela têm vindo uns ruídos fracos, ruídos como suspiros profundos, com uns grunhidos no meio e, às vezes, um ronco, bem lá do fundo, ronco de verdade, mas de algum jeito não um ronco honesto, como o meu e o seu de noite, você sabe como é.

— Eu sei — observou o menino, discretamente.

— Claro, fiquei com muito medo — o pastor continuou



KENNETH GRAHAME

— e, no entanto, não consegui ficar longe. Então hoje, no fim da tarde, antes de vir embora, fui de mansinho dar uma olhada pela caverna. E lá, meu Deus!, lá estava ele, enfim o vi, tão bem quanto te vejo agora!

— Viu quem? — disse sua mulher, começando a se contagiar com o aterrorizado nervosismo do marido.

— Ora, ele, estou lhe dizendo! — disse o pastor. — Ele estava parado, metade fora da caverna, e parecia estar apreciando o friozinho do fim da tarde de um jeito meio poético. Era tão grande quanto quatro cavalos de puxar carroça, todo coberto de escamas brilhantes, escamas azul-escuras na parte de cima dele, passando para um verde suave embaixo. Quando ele respirava, sobre suas narinas havia esse tipo de ar tremido que se vê sobre as estradas num dia de sol quente e sem vento no verão. Ele estava com o queixo apoiado nas patas, eu diria que estava meditando sobre as coisas. Oh, sim, era um tipo bastante pacífico de animal, sem ameaçar atacar ou aprontar ou fazer qualquer coisa que não fosse certa ou direita. Admito tudo isso. Ainda assim, o que posso fazer? Escamas, sabe?, e garras, e com certeza uma cauda, embora essa parte dele eu não tenha visto; não estou acostumado com essas coisas e não me dou bem com elas e isso é um fato.

O menino, que aparentemente ficara concentrado em seu livro enquanto seu pai falava, fechou o volume, bocejou, cruzou as mãos atrás da cabeça e disse sonolento:

— Está tudo certo pai. Não precisa se preocupar. É só um dragão.

— Só um dragão? — o pai gritou. — O que você quer dizer, sentado aí, você e seus dragões? Só um dragão, essa é boa! E o que você sabe disso?

— Porque é e porque eu sei — respondeu o menino,

## O DRAGÃO RELUTANTE

calmamente. — Escute, pai, você sabe que cada um de nós tem a sua especialidade. Você sabe sobre ovelhas e o tempo, e coisas assim; eu sei sobre dragões. Eu sempre disse, você sabe, que aquela caverna lá em cima era uma caverna de dragão. Eu sempre disse que em alguma época ela devia ter sido de um dragão e deveria ser de um dragão agora, se as regras valem alguma coisa. Bom, agora você me diz que ela tem um dragão, e isso que é o certo. Eu fiquei bem menos surpreso agora do que quando você me disse que não tinha um dragão nela. As regras sempre dão certo se você espera com calma. Agora, por favor, deixe que eu cuide disso. Vou dar um passeio por lá amanhã de manhã, não, de manhã não dá, tenho uma pilha de coisas para fazer, bom, talvez no fim da tarde, se eu tiver tempo, vou até lá ter uma conversa com ele. Você verá que vai dar tudo certo. Só o que peço, por favor, é que você não fique se preocupando. Você não entende nada de dragões. Eles são muito sensíveis, sabe?

— Ele está muito certo, pai — disse a mãe sensata. — Como ele disse, dragões são a especialidade dele e não a nossa. Ele é ótimo nisso de animais de livros, como todo mundo admite. Para falar a verdade, eu mesma não fico nem um pouco contente, pensando no pobre daquele animal sozinho lá em cima, sem um jantar quentinho ou alguém com quem trocar ideias. Quem sabe poderemos fazer alguma coisa por ele. Se ele não for respeitável, nosso menino vai logo descobrir. Ele tem um certo jeito simpático que faz todo mundo contar tudo para ele.

No dia seguinte, depois do jantar, o menino subiu a estrada de cascalho que leva até o topo dos Downs. Lá, claro, encontrou o dragão, deitado preguiçosamente na relva na frente da caverna dele. A vista dali é das mais magníficas. Para a direita e esquerda, léguas e léguas das ondulantes

KENNETH GRAHAME

encostas sem árvores dos Downs. À frente, o vale, com as aglomerações das fazendas e a trama de estradinhas brancas passando por pomares e terras bem aradas e, bem longe no horizonte, sinais das velhas cidades cinzentas. Uma brisa fresca brincava com a superfície da relva e um pedaço prateado de uma enorme lua estava aparecendo sobre árvores distantes. Não era nenhuma surpresa que o dragão parecesse estar num estado de espírito tranquilo e satisfeito. De fato, ao chegar perto, o menino ouviu-o ronronando com uma feliz regularidade. “Bom, vivendo e aprendendo!” — ele disse para si mesmo. “Nenhum dos meus livros jamais disse que dragões ronronavam!”

— Olá, dragão — disse o menino tranquilamente.

O dragão, ao ouvir alguém se aproximando, começou a fazer um esforço para se levantar, por cortesia. Mas quando viu que era um menino, franziu as sobrancelhas com severidade.

— Você não venha me bater — ele disse — ou jogar pedras, ou espirrar água, ou qualquer coisa assim. Não vou tolerar, já vou logo avisando.

— Não vou jogar nada em você — disse o menino, aborrecido, largando-se sentado na grama perto do bicho. — E, pelo amor de Deus, não fique me dizendo “não isso” e “não aquilo”. Já ouço tanto disso, e é monótono, enjoa. Eu só passei por aqui para perguntar como vai você e esse tipo de coisa. Mas se estou atrapalhando, eu posso muito bem ir embora. Tenho um monte de amigos e nenhum deles pode dizer que eu tenho o hábito de ficar insistindo quando não querem a minha presença!

— Não, não, não vá embora bravo — o dragão apressou-se a dizer. — O fato é que eu estou muito bem mesmo aqui em cima; nunca sem alguma ocupação, meu camarada,

## O DRAGÃO RELUTANTE

nunca sem alguma ocupação! Ainda assim, cá entre nós, é um pouquinho chato às vezes.

O menino mordeu um talo de grama e ficou chupando-o.

— Pretende ficar muito tempo por aqui? — perguntou, polidamente.

— No momento, não saberia dizer — respondeu o dragão. — Parece um lugar bom o bastante. Mas faz pouco tempo que estou aqui, é preciso ver mais e refletir e considerar bem antes de se decidir por ficar num lugar. É uma coisa muito séria, escolher onde morar. Além disso (e agora eu vou lhe contar uma coisa que você jamais teria adivinhado, mesmo se tivesse tentado), o fato é que eu sou um vagabundo danado de preguiçoso!

— Fico muito surpreso — disse o menino, educadamente.

— É a triste verdade — o dragão continuou, se acomodando entre suas patas e evidentemente encantado de ter enfim achado um ouvinte. — E imagino que seja isso que me fez vir parar aqui, na verdade. Veja você, todos os outros camaradas são tão ativos e sérios, e todo esse tipo de coisa, sempre agressivos, arranjando briga, varrendo as areias do deserto, rondando as margens do mar, e perseguindo cavaleiros por toda a parte, devorando donzelas e aprontando em geral... já eu sempre gostei de fazer minhas refeições na hora certa, deitar as costas em alguma rocha, tirar uma sonequinha e, daí, acordar e pensar em como as coisas estão e em como elas sempre estão iguais, sabe? De modo que quando aconteceu eu fui pego de surpresa.

— Quando o quê aconteceu, posso saber? — perguntou o menino.

— É precisamente isso que eu não sei — disse o dragão. — Suponho que a terra espirrou, ou chacoalhou, ou o fundo de algum lugar caiu. De qualquer modo, houve um tremor,

KENNETH GRAHAME

um estrondo e uma total bagunça. Fui parar milhas debaixo da terra e fiquei completamente preso. Bom, graças a Deus, não preciso de muito e de qualquer maneira tinha paz e tranquilidade, e não era sempre chamado para ir junto fazer alguma coisa. Tenho uma mente tão ativa: sempre ocupada, eu lhe asseguro! Mas o tempo foi passando e minha vida começou a ficar numa certa mesmice. Assim, achei que ia ser divertido abrir um caminho para o andar de cima e ver o que os outros andavam fazendo. Então cavei e escavei, trabalhei assim e assado e, enfim, consegui sair através dessa caverna aqui. Gostei da região, da vista e das pessoas (as poucas que eu vi) e, no geral, estou inclinado a ficar por aqui.

— Com o que sua mente está sempre ocupada? — perguntou o menino. — Gostaria de saber.

O dragão ficou ligeiramente vermelho e desviou os olhos. Enfim, disse envergonhado:

— Você alguma vez, só de farra, já tentou fazer poesia... versos, sabe?

— Claro que sim — disse o menino. — Pilhas e pilhas. E alguns poemas são bem bons, tenho certeza, só que não há ninguém por aqui que ligue para essas coisas. Minha mãe é muito simpática quando eu os leio para ela, e também meu pai, quanto a isso. Mas de algum jeito eles não...

— Exatamente — exclamou o dragão —, exatamente o meu caso. Eles não... e não há o que você possa fazer com isso. Agora, eu vejo que você tem cultura, vi no mesmo instante. Gostaria de ouvir sua opinião sincera sobre algumas coisinhas que eu fui pondo no papel, enquanto estava por aqui. Fiquei incrivelmente satisfeito em conhecê-lo e espero que os outros vizinhos sejam igualmente agradáveis.

## O DRAGÃO RELUTANTE

Ontem à noite mesmo estive aqui um velho senhor muito simpático, mas ele pareceu não querer incomodar.

— Era o meu pai — disse o menino. — Ele é um velho senhor simpático, e qualquer dia eu posso apresentá-lo a ele se você quiser.

— Será que vocês dois não poderiam subir aqui amanhã para um jantar ou algo assim? — perguntou o dragão ansioso. E acrescentou polidamente — Claro, se vocês não tiverem nada melhor para fazer.

— Muito obrigado mesmo — disse o menino —, mas não saímos para ir em lugar nenhum sem minha mãe e, para falar a verdade, receio que ela possa não aprová-lo muito. Veja você, não há como escapar da dura realidade de que você é um dragão, há? E quando você fala de ficar morando aqui, dos vizinhos e por aí fora, não consigo evitar a impressão de que você não percebe exatamente a sua situação. Você é um inimigo da raça humana, afinal!

— Não tenho um inimigo no mundo — disse o dragão, alegremente. — Sou muito preguiçoso para fazer algum, para começo de conversa. Se eu insisto em ler meus poemas para os outros, estou sempre pronto para ouvir os deles!

— Ora essa! — exclamou o menino. — Gostaria que você tentasse realmente entender a sua situação. Quando as outras pessoas ficarem sabendo sobre você, vão vir todas atrás de você com lanças e espadas e todo tipo de coisa. Você terá que ser exterminado, de acordo com a maneira deles de ver o mundo! Você é um flagelo, uma praga, um monstro assassino!

— Não há uma palavra de verdade nisso tudo — disse o dragão, balançando a cabeça solenemente. — Meu caráter provar-se-á íntegro mesmo sob a mais estrita das investiga-

KENNETH GRAHAME

ções. E, agora, eis um pequeno sonetinho no qual eu estava trabalhando quando você apareceu...

— Ih, se você se recusa a ser sensato — exclamou o menino, levantando-se — eu vou embora para casa. Não, não posso dar nem uma olhadinha no soneto; minha mãe está me esperando. Voltarei amanhã, alguma hora, e você pelo amor de Deus veja se tenta entender que é um flagelo pestilencial, ou vai acabar entrando na pior fria. Boa-noite!

Foi fácil para o menino deixar seus pais tranquilos em relação a seu novo amigo. Eles sempre tinham confiado ao menino esse ramo e aceitaram o que ele disse sem um murmúrio. O pastor foi formalmente apresentado, e muitos elogios e informações foram gentilmente trocados. Sua mulher, no entanto, mesmo se dizendo disposta a fazer o que estivesse a seu alcance — remendar coisas, pôr ordem na caverna ou cozinhar alguma coisinha quando o dragão ficasse absorto em seus sonetos e esquecesse das refeições, como os machos sempre fazem — não pôde ser convencida a aceitá-lo completamente. O fato de que ele era um dragão e que “eles não sabiam quem ele era” parecia contar mais que tudo para ela. No entanto, ela não fez objeção a que seu filhinho passasse tranquilamente todo começo de noite com o dragão, desde que voltasse para casa até as nove. Muitas noites agradáveis eles tiveram, sentados na relva, enquanto o dragão contava histórias dos velhos, bem velhos tempos, quando havia dragões de monte e o mundo era um lugar mais animado que agora, e a vida cheia de frêmitos, sobressaltos e surpresas.

Mas o que o menino temia, todavia, não demorou a acontecer. Mesmo o mais reservado e discreto dos dragões do mundo, se é tão grande quanto quatro cavalos e coberto de escamas azuis, acaba não tendo como escapar do conhe-

## O DRAGÃO RELUTANTE

cimento público. De modo que nas noites na taverna da aldeia, o fato de que um dragão de verdade ficava cismando numa caverna nos Downs era naturalmente o assunto das conversas. Embora os aldeões estivessem com muito medo, estavam também bastante orgulhosos. Era uma marca de distinção ter um dragão próprio, acrescentava um charme à aldeia. Ainda assim, todos concordavam que era o tipo da coisa que não se podia permitir que continuasse. O terrível monstro devia ser exterminado, o campo devia ficar livre daquela praga, daquele terror, daquele flagelo destruidor. O fato de que nem mesmo um único poleiro de galinhas havia sido prejudicado desde que o dragão chegara não era levado em conta, nem se permitia que tivesse algo a ver com o assunto. Ele era um dragão, não se podia negar, e se preferia não se comportar como um, isso era problema dele. Mas apesar de muita valente falação, nenhum herói aparecia disposto a pegar espada e lança para libertar a aldeia de seu padecimento e adquirir fama imortal; e a inflamada discussão de todas as noites acabava em nada. Enquanto isso, o dragão, um boêmio feliz, refestelava-se na relva, apreciava o pôr do sol, contava anedotas antediluvianas para o menino, e polia seus velhos versos ou cogitava novos.

Um dia o menino, ao entrar na aldeia, percebeu que estava tudo com uma aparência de festa, embora nenhuma constasse do calendário. Tapetes e panos de cores alegres estavam pendurados nas janelas, os sinos da igreja repicavam ruidosamente, a rua estreita estava cheia de flores, e a população inteira estava se empurrando dos dois lados dela, tagarelando, empurrando e mandando uns aos outros ficarem mais para trás. O menino viu um amigo da mesma idade dele e o chamou.



KENNETH GRAHAME

— O que está acontecendo? — gritou. — São atores, ou ursos, ou o circo, ou o quê?

— Está tudo bem — seu amigo gritou de volta. — Ele está vindo.

— Quem está vindo? — quis saber o menino, sendo empurrado na multidão.

— Ora, quem? São Jorge, claro! — respondeu seu amigo. — Ele ouviu falar do dragão, e está vindo com o propósito de matar o mortífero monstro e nos libertar de seu horrível jugo. Nossa, vai ser uma luta daquelas!

Aquela era uma novidade e tanto! O menino achou que devia se certificar ele mesmo e se insinuou pelo meio das pernas dos mais velhos, xingando-os o tempo todo pelo seu mal-educado hábito de ficar empurrando. Quando conseguiu chegar na fila da frente, ficou esperando ansiosamente a chegada.

Logo veio da ponta mais distante da multidão o som das ovações. Em seguida, o barulho compassado dos cascos do cavalo de batalha fez seu coração bater mais rápido, e logo ele se descobriu gritando junto com o resto quando, em meio aos brados de boas-vindas, os gritinhos agudos das mulheres e a agitação de lenços, São Jorge avançou lentamente pela rua. O coração do menino parou quieto e ele respirava aos soluços, a beleza e a graça do herói iam muito além de qualquer coisa que ele já tinha visto. Sua armadura era incrustada em ouro, seu elmo pendia da sela, e seus densos cabelos louros emolduravam um rosto de uma delicadeza inexprimível, até que se via a firmeza dos olhos. Ele puxou as rédeas em frente à estalagem e os aldeões se aglomeraram em volta com saudações, agradecimentos e enumerações loquazes de injúrias, injustiças e opressões. O menino ouviu a voz séria e gentil do santo, assegurando

## O DRAGÃO RELUTANTE

a todos que tudo ficaria bem agora, que ele ia lutar por eles, reparar as injustiças e livrá-los de seu inimigo. Então, ele desceu do cavalo e entrou pela porta, e a multidão se amontoou atrás dele. Mas o menino saiu em disparada para o morro o mais rápido que suas pernas conseguiam.

— Está tudo acabado, dragão! — ele gritou assim que viu o bicho. — Ele está vindo! Ele já está aqui! Você vai ter que criar vergonha e enfim fazer alguma coisa!

O dragão estava lambendo suas escamas e esfregando-as com um pedaço de flanela que a mãe do menino emprestou, até ficar brilhante feito uma grande turquesa.

— Não seja violento, menino — ele disse sem se virar. — Sente e recupere o fôlego e tente lembrar que o sujeito antecede o predicado; talvez você pudesse me fazer a gentileza de dizer quem está vindo.

— Está certo, fique frio — disse o menino. — Só quero ver você conseguir ficar na metade dessa tranquilidade depois que eu contar a novidade. É só o São Jorge que está vindo, não passa disso; ele chegou na aldeia faz meia hora. Claro que você pode dar uma surra nele, um sujeito grandão como você! Mas achei que eu devia preveni-lo, porque com certeza ele vai vir para cá logo cedo, e ele tem a lança mais comprida e mais mal-encarada que você já viu!

E o menino ficou de pé e se pôs a pular para lá e para cá de puro prazer com a perspectiva da batalha.

— Essa não — gemeu o dragão. — Isso é muito desagradável. Eu não quero vê-lo e isso não se discute. Não tenho o menor interesse em conhecer o sujeito. Tenho certeza que ele não é boa gente. Você precisa ir lá dizer a ele para ir embora imediatamente, por favor. Diga a ele que pode escrever se quiser, mas eu não vou recebê-lo. Não estou para ninguém, no momento.

KENNETH GRAHAME

— Ah, dragão, dragão —, disse o menino, implorando — não seja insensato e teimoso. Você tem que lutar com ele alguma hora, você sabe, porque ele é o São Jorge e você é o dragão. Melhor se livrar disso logo, e então você pode continuar com seus sonetos. Você precisava levar um pouco em consideração os outros também. Se por aqui anda meio chato para você, imagine só o quanto tem sido chato para mim!

— Meu caro homenzinho — disse o dragão solenemente —, faça o favor de entender, de uma vez por todas, que eu não posso lutar e eu não vou lutar. Eu jamais lutei em toda a minha vida e não vou começar agora, só para você ter um espetáculo de feira. Nos velhos tempos, sempre deixava os outros, os que eram sérios, se encarregarem das lutas todas. Sem dúvida, essa é a razão de eu ter o prazer de estar aqui agora.

— Mas se você não lutar ele vai cortar fora sua cabeça! — o menino disse quase num soluço, desconsolado de perder tanto a luta quanto seu amigo.

— Ah, acho que não — disse o dragão, com seu jeito indolente. — Você vai ser capaz de dar um jeito. Tenho inteira confiança em você, você é tão bom para cuidar das coisas. Seja um bom sujeito, desça até lá e resolva tudo. Deixo inteiramente por sua conta.

O menino percorreu todo o caminho de volta à aldeia num estado de grande desânimo. Antes de mais nada, não haveria combate algum; depois, seu bom e honrado amigo, o dragão, não se mostrou nem um pouco heroico como ele teria gostado; e por fim, fosse o dragão no fundo um herói ou não, não fazia a menor diferença, pois sem a menor dúvida São Jorge iria cortar fora a cabeça dele. “Dar um jeito, sei!”, ele disse amargamente para si mesmo. “O dragão trata a

## O DRAGÃO RELUTANTE

coisa toda como se tivesse sido convidado para um chá e uma partida de xadrez.”

Os aldeões estavam indo para suas casas quando ele passou pela rua, todos muito animados, alegremente discutindo a esplêndida luta que estava para acontecer. O menino seguiu até a estalagem e foi para o salão principal, onde São Jorge estava sentado sozinho, considerando suas chances na luta e as tristes histórias de saques e violências tão recentemente despejadas em seus ouvidos solidários.

— Posso entrar, São Jorge? — o menino perguntou polidamente, da porta onde parara. — Eu gostaria de conversar com o senhor sobre esse assunto do dragão, se o senhor não estiver cansado dele a essa altura.

— Sim, pode entrar, menino — disse o santo gentilmente. — Outra história de maldade e infortúnio, receio. Sua boa mãe ou seu honrado pai, foi algo assim, de que o tirano o privou? Ou de alguma terna irmãzinha, ou irmão caçula? Bom, logo você será vingado.

— Nada assim — disse o menino. — Há um mal-entendido em algum lugar, e eu queria esclarecê-lo. O fato é que se trata de um bom dragão.

— Exatamente — disse São Jorge, sorrindo satisfeito. — Entendo perfeitamente. Um bom dragão. Creia-me, eu nem por um momento lamento que ele seja um adversário à altura da minha espada, em vez de um espécime fraco da sua tribo nociva.

— Mas ele não é de uma tribo nociva — disse o menino todo aflito. — Caramba, como ficam estúpidas as pessoas quando metem uma ideia na cabeça! O que eu estou dizendo é que ele é um bom dragão, e meu amigo, e conta as histórias mais bonitas que você já ouviu, todas sobre os velhos tempos, quando ele era pequeno. E ele é muito gentil com a minha

KENNETH GRAHAME

mãe, e ela faria qualquer coisa por ele. E meu pai gosta dele também, embora não tenha lá muito interesse em arte e poesia, e sempre durma quando o dragão começa a falar sobre estilo. Mas o fato é que ninguém consegue deixar de gostar dele assim que o conhece. Ele é tão cativante e confiável, tão simples quanto uma criança!

— Sente-se e aproxime sua cadeira — disse São Jorge. — Gosto de alguém que defende seus amigos e tenho certeza de que o dragão tem seus pontos positivos, se tem um amigo feito você. Mas essa não é a questão. Durante toda esta noite eu fiquei ouvindo, com inexprimível angústia e pesar, histórias de assassinatos, roubos e demais maldades; talvez um pouco exageradas demais, nem sempre inteiramente convincentes, mas no geral constituindo uma lista de crimes dos mais sérios. A história nos ensina que o pior dos malfeitores não raro se mostra todo virtuoso em seu lar; e eu receio que seu culto amigo, apesar das qualidades pelas quais ele mereceu (e devidamente) sua afeição, tem que ser exterminado o quanto antes.

— Ah, o senhor engoliu todas as lorotas que esses fulanos contaram — disse o menino, sem paciência. — Ora, os aldeões daqui são os maiores contadores de lorota de toda a região. É um fato sabido e notório. O senhor é um forasteiro por aqui, se não já teria ouvido falar. Tudo o que eles querem é uma luta. Eles são capazes de qualquer coisa para conseguir lutas; é do que eles mais gostam. Cachorros, touros, dragões; qualquer coisa, desde que seja uma luta. Pois nesse momento mesmo há um pobre de um inocente texugo no estábulo aqui atrás; eles iam se divertir com ele hoje, mas resolveram guardá-lo para depois que o seu caso terminar. Não tenho a menor dúvida de que eles ficaram lhe dizendo que grande herói o senhor é, como tem tudo

## O DRAGÃO RELUTANTE

para vencer em defesa do que é certo e justo e por aí afora. Mas posso assegurar, acabo de vir da rua, e eles estavam apostando seis contra quatro que o dragão ganha!

— Seis contra quatro no dragão — São Jorge murmurou tristemente, apoiando o rosto na mão. — É um mundo perverso este. Às vezes, me ponho a achar que toda a maldade dele não fica inteiramente engarrafada dentro dos dragões. Ainda assim, será que esse ardiloso animal não o iludiu quanto ao verdadeiro caráter dele, para que a sua boa impressão servisse de cobertura a malvadas façanhas? Não, poderia até mesmo haver, neste preciso instante, alguma desafortunada princesa aprisionada naquela lúgubre caverna?

Mas São Jorge se arrependeu do que disse assim que acabou de falar, ao ver o quanto o menino ficara genuinamente incomodado.

— Posso assegurar, São Jorge — ele disse —, que não há nada nem sequer parecido na caverna dele. O dragão é um cavalheiro de verdade, cada centímetro dele. Posso dizer que ninguém ficaria mais chocado ou magoado do que ele, se ouvisse o senhor falando... falando desse jeito de assuntos em relação aos quais ele tem os mais elevados princípios!

— Bom, talvez eu tenha sido exageradamente crédulo — disse São Jorge. — Talvez eu tenha me enganado quanto ao animal. Mas o que podemos fazer? Aqui estamos, o dragão e eu, quase frente a frente, supostamente ávidos pelo sangue um do outro. Não consigo ver uma saída. O que você sugere? Você não tem como dar um jeito, de algum modo?

— Foi exatamente o que o dragão disse — retrucou o menino, bastante exasperado. — Sério, isso de vocês dei-

KENNETH GRAHAME

xarem para eu resolver tudo... Bom, suponho que não dá para convencê-lo a ir embora discretamente, dá?

— Impossível, receio — disse o santo. — Completamente contra as regras. Você sabe disso tanto quanto eu.

— Bom, então, escute aqui — disse o menino. — Ainda está cedo, será que não daria para o senhor vir comigo encontrar com o dragão e tentar resolver com ele? Não é muito longe, e qualquer amigo meu será muito bem recebido.

— Bem, é inteiramente contra as regras — disse São Jorge, se levantando —, mas realmente parece ser a coisa mais sensata a fazer. Você está se dando a um trabalho pelo seu amigo — ele acrescentou afavelmente, ao passarem juntos pela porta. — Mas anime-se! Talvez afinal não precise haver luta alguma.

— É, mas eu espero que haja sim — disse o menino, nostalgicamente.

— Trouxe um amigo que quer conhecê-lo, dragão — disse o menino, um tanto alto.

O dragão acordou num sobressalto.

— Eu estava só, hum, meditando sobre as coisas — disse, do seu jeito simples. — Muito prazer em ser apresentado ao senhor. O tempo está excelente, não?

— Esse é São Jorge — disse o menino, secamente. — São Jorge, deixe-me apresentá-lo ao dragão. Subimos até aqui para resolver discretamente as coisas, dragão. Agora, pelo amor de Deus, veja se consegue ter um pouco de simples bom-senso, para ver se chegamos a alguma solução prática e eficiente, porque já estou enjoado de opiniões e teorias sobre a vida e tendências pessoais e todo esse tipo de coisa. Talvez eu deva acrescentar que minha mãe está me esperando.

— Fico muito feliz em conhecê-lo, São Jorge — começou o dragão um tanto nervoso —, porque ouvi dizer que é

## O DRAGÃO RELUTANTE

um grande viajante, e eu sempre fui mais do tipo caseiro. Mas posso lhe mostrar muitas relíquias, muitos aspectos interessantes de nossa região, se for ficar por algum tempo. . .

— Eu acho — disse São Jorge, do seu jeito franco e simpático — que o melhor a fazer é seguirmos o conselho de nosso jovem amigo e tentar chegar a algum entendimento, um acordo sério, sobre esse nosso pequeno problema. Agora, você não acha que o plano mais simples, afinal, seria apenas lutarmos, de acordo com as regras e que vença o melhor? Estão apostando em você, devo dizer, lá na aldeia, mas eu não ligo para isso.

— Oh, sim, dragão, lute — disse o menino. — Iria nos poupar tantos aborrecimentos!

— Meu jovem amigo, você cale a boca — disse o dragão, severamente. E prosseguiu — Creia-me, São Jorge, não há ninguém no mundo que eu gostaria de contentar mais do que este jovem cavalheiro aqui. Mas a coisa toda é bobagem, convencionalismo e burrice popular. Não há absolutamente nada pelo que lutar, do começo ao fim. E de qualquer forma eu não vou e isso encerra o assunto.

— Mas supondo que eu o obrigue a lutar — disse São Jorge, um tanto exasperado.

— Não há como — disse o dragão, triunfantemente. — Simplesmente entraria na minha caverna e voltaria por um tempo ao buraco donde vim. Você logo enjoaria de ficar sentado do lado de fora esperando eu sair para lutar. Assim que tivesse ido embora, sairia todo contente, pois, para falar a verdade, gosto desse lugar e pretendo ficar aqui!

São Jorge observou por um instante a bela paisagem em torno deles.

— Mas esse seria um lugar maravilhoso para uma luta — ele começou, persuasivo. — Essas encostas do Downs de



KENNETH GRAHAME

arena, eu em minha armadura dourada fazendo contraste com suas escamas azuis! Pense só que bela pintura daria!

— Agora você está tentando me pegar pela minha sensibilidade artística — disse o dragão. — Mas não vai funcionar. Não que não desse uma pintura muito bela, como você disse — acrescentou, cedendo um pouco.

— Parece que estamos chegando mais perto de tratar de negócios — o menino opinou. — Você precisa entender, dragão, que vai ser necessário haver uma luta de algum tipo, porque você não vai querer se enfiar de novo naquele velho buraco sujo e lá ficar até sabe-se lá quando.

— Podia ser arranjada — disse São Jorge, pensativo. — Eu tenho que enfiar minha lança em algum lugar, claro, mas não precisa ser um lugar que doa muito. Você é tão grande que com certeza deve haver alguns pedaços de sobra em alguma parte. Aqui, por exemplo, bem atrás da coxa. Não há de doer muito, só aí!

— Assim você me faz cócegas, Jorge — disse o dragão, envergonhadamente. — Não, esse lugar não vai dar de jeito nenhum. Mesmo se não doesse, e tenho certeza que vai, e muito, iria me fazer rir e estragar tudo.

— Vamos tentar outro lugar, então — disse São Jorge, pacientemente. — Debaixo do pescoço, por exemplo; todas essas dobras de pele grossa, se eu enfiar minha lança aí você nem vai notar...

— Sim, mas você tem certeza que consegue enfiá-la bem no lugar certo? — o dragão perguntou, ansiosamente.

— Claro que tenho — disse São Jorge, com confiança. — Deixe comigo!

— É exatamente porque eu tenho que deixar com você que estou perguntando — disse o dragão, com uma certa irritação. — Sem dúvida você vai lamentar profundamente

## O DRAGÃO RELUTANTE

qualquer erro que fizer no calor da hora; mas não vai lamentar nem a metade do que eu vou! No entanto, suponho que é preciso confiar nos outros, ao longo da vida, e seu plano parece, no geral, o melhor que há.

— Escute aqui, dragão — interrompeu o menino, um pouco ciumento por seu amigo, que parecia estar ficando com a pior parte da barganha. — Eu não estou entendendo direito como você entra nisso! Vai haver uma luta, aparentemente, e você vai levar uma surra; o que eu quero saber é: o que você vai ganhar com isso?

— São Jorge — disse o dragão —, conte a ele, por favor, o que irá acontecer depois de eu ter sido vencido no mortal combate.

— Bom, de acordo com as regras suponho que eu vou levá-lo em triunfo até a praça do mercado ou o que servir como tal — disse São Jorge.

— Precisamente — disse o dragão. — E então?

— E então haverá ovações e discursos e o resto — continuou São Jorge. — E eu explicarei que você foi convertido, e viu o erro em sua conduta, e assim por diante.

— Certo — disse o dragão. — E aí?

— Ah, e aí... — disse São Jorge — ora, suponho que vai haver o usual banquete.

— Exatamente — disse o dragão. — E é aí que eu entro. Olhe aqui — continuou, dirigindo-se ao menino. — Eu morro de tédio aqui em cima, e ninguém realmente gosta de mim. Vou ser apresentado à sociedade, graças à ajuda gentil de nosso amigo aqui, que está se dando a tanto trabalho por mim; e você vai ver que tenho todas as qualidades para que gostem de mim as pessoas que realmente contam! Bom, agora que está tudo resolvido, e se vocês não se importarem,

KENNETH GRAHAME

sou um sujeito de modos antiquados, não gostaria de mandá-los embora, mas...

— Lembre-se, você vai ter que fazer direito a sua parte na luta, dragão! — disse São Jorge, ao perceber a insinuação e se levantando para partir. — Quero dizer, dar investidas, exalar fogo e por aí afora!

— Sei investir muito bem — respondeu o dragão, todo confiante. — Já quanto a exalar fogo, é surpreendente como se perde fácil a prática; mas farei o melhor que puder. Boa-noite!

Já haviam descido o morro e estavam quase de volta na aldeia quando São Jorge parou de repente.

— Sabia que tinha esquecido de alguma coisa! — disse. — Precisa haver uma princesa. Aterrorizada e acorrentada a uma rocha, essa coisa toda. Menino, será que você não podia arranjar uma princesa?

O menino estava no meio de um bocejo tremendo.

— Estou morto de cansaço — ele reclamou — e não posso arranjar uma princesa, ou qualquer outra coisa, a essa hora da noite. E minha mãe está me esperando, e faça o favor de parar de ficar me pedindo para arranjar coisas até amanhã!

Na manhã seguinte, as pessoas começaram a afluir para o morro bem cedo, com suas roupas de domingo e carregando cestas com garrafas, todos querendo assegurar bons lugares para o combate. Não era exatamente uma questão simples, porque era bem possível, claro, que o dragão ganhasse. Nesse caso, nem mesmo os que tinham apostado seu dinheiro nele podiam esperar que ele tratasse os seus apoiadores de maneira muito diferente do que o resto. Os lugares eram escolhidos, portanto, com muito critério e com

## O DRAGÃO RELUTANTE

a garantia de uma fuga rápida em caso de emergência; e a fila da frente era composta na maioria de meninos que haviam escapado ao controle dos pais e agora se espalhavam e rolavam na relva, ignorando as estridentes ameaças e avisos a eles disparados por suas ansiosas mães lá atrás.

O menino tinha garantido um bom lugar na frente, bastante perto da caverna, e estava tão ansioso quanto um diretor em dia de estreia. Seria possível contar com o dragão? Ele podia mudar de ideia e arruinar completamente a performance; ou então, percebendo que a coisa fora planejada muito às pressas, sem nem mesmo um ensaio, podia estar muito nervoso para aparecer. O menino olhou atentamente a caverna, mas não havia nela sinal de vida ou ocupação. Teria o dragão escapado no meio da noite?

As partes mais altas do morro estavam agora cobertas de espectadores. Logo um som de aplausos e os acenos de lenços indicaram que havia algo à vista que o menino, do tanto que estava para cima no lado do dragão, não podia ainda ver. Um minuto mais e as plumas vermelhas de São Jorge apareceram no topo do morro, quando ele foi chegando lentamente à grande parte plana que ia até a soturna entrada da caverna. Ele estava muito galante e belo em seu alto cavalo de batalha, sua armadura dourada refletindo o sol, sua enorme lança ereta, a pequena flâmula branca, com uma cruz carmesim, tremulando na ponta dela. Ele puxou as rédeas e ficou imóvel. As filas de espectadores recuaram um pouco, nervosamente; mesmo os meninos na frente pararam de puxar o cabelo e se cutucar uns aos outros, e se inclinaram para a frente, cheios de expectativa.

— Agora, dragão — murmurou o menino impaciente, sem conseguir ficar parado no lugar. Ele não precisava ter-se preocupado, se soubesse. As possibilidades dramáticas

KENNETH GRAHAME

da coisa haviam interessado imensamente o dragão, e ele estava acordado desde a madrugada, preparando-se para sua primeira aparição em público com inteira dedicação, como se os anos tivessem voltado para trás, e ele ainda fosse um pequeno dragãozinho brincando de santo-e-dragão no chão da caverna de sua mãe com suas irmãs; uma brincadeira em que o dragão sempre ganhava.

Um surdo murmúrio e um intermitente resfolegar fizeram-se ouvir então, aumentando para se tornar um ensurdecedor rugido que pareceu encobrir todo o platô. Em seguida, uma nuvem de fumaça encobriu a entrada da caverna, e do meio dela o dragão em pessoa, brilhante, azul-marinho, magnífico, avançou solene e esplêndido; e todo mundo fez “oooh!” como se tivessem visto um potente fogo de artifício! Suas escamas resplandeciam, sua longa e espinhosa cauda serpenteava no chão, suas garras arrancavam tufo de relva e os lançavam por cima de suas costas, e fumaça e fogo eram incessantemente expelidos de suas iradas narinas.

— Oh, muito bem, dragão — o menino gritou, entusiasmado. E para si mesmo acrescentou: “não achava que ele tivesse tanto jeito para a coisa”.

São Jorge abaixou sua lança, inclinou a cabeça, cravou os calcanhares no cavalo e investiu tonitruante pela relva. O dragão atacou com um rugido e um guincho — uma enorme e azul mistura serpenteante e resfolegante de escamas, garras, espinhos e fogo.

— Errou! — gritou a multidão. Houve um instante de emaranhamento de armadura dourada com escamas azul-turquesa e cauda espinhuda. E então o grande cavalo, puxando por seu lado, carregou o santo, sua lança balançando no ar, quase até a entrada da caverna.

## O DRAGÃO RELUTANTE

O dragão sentou e rosnou malevolamente, enquanto São Jorge com dificuldade manobrava seu cavalo de volta à posição.

“Fim do primeiro *round*!”, pensou o menino. “Como eles se saíram bem! Mas espero que o santo não se entusiasme demais. No dragão, dá para confiar. Que excelente ator ele é!”

São Jorge enfim conseguiu fazer com que seu cavalo ficasse firme, e enquanto enxugava a testa deu uma olhada em volta. Vendo o menino, sorriu e fez um gesto afirmativo com a cabeça.

“Parece que está tudo planejado”, disse o menino para si mesmo. “O terceiro *round* vai ser o final, evidentemente. Gostaria que durasse um pouco mais. E o que diabos aquele tonto do dragão está aprontando agora?”

O dragão estava aproveitando o intervalo para fazer uma exibição de sua investida para a multidão. A investida dele, é necessário explicar, consistia em correr num amplo círculo, mandando vagas e ondas de movimento por toda a extensão de sua espinha, de suas orelhas pontudas até o último espinho na ponta de sua comprida cauda. Quando se é recoberto de escamas azuis, o efeito é particularmente notável. Nesse momento, o menino lembrou do desejo recentemente expresso do dragão de se tornar um sucesso na sociedade.

São Jorge então juntou suas rédeas e começou a se mover para a frente, abaixando a ponta de sua lança e se firmando na sela.

— Segundo *round*! — todo mundo gritou, entusiasmadamente. O dragão parou sua exibição, sentou-se e começou a pular de um lado para outro com enormes saltos desajeitados, bradando feito um pele-vermelha. Isso naturalmente desconcertou o cavalo, e ele deu uma brusca guinada, o

KENNETH GRAHAME

santo só não caiu por ter se agarrado à crina. Quando eles passaram a toda por ele, o dragão deu uma maliciosa mordida na cauda do cavalo que fez o pobre animal desembestar ensandecido encosta abaixo, de modo que as palavras do santo, com um dos pés fora do estribo, por sorte ficaram inaudíveis para a plateia.

O segundo *round* produziu uma sonora prova de um sentimento favorável ao dragão. Os espectadores não tardaram em apreciar um combatente que mantinha tão bem sua posição e que claramente queria uma exibição limpa; e muitos comentários encorajadores chegaram aos ouvidos de nosso amigo enquanto ele se pavoneava para lá e para cá, o peito empinado e a cauda no ar, apreciando enormemente sua nova popularidade.

São Jorge tinha apeado e estava apertando as cilhas, e dizendo ao seu cavalo, com um fluxo bastante oriental de metáforas, exatamente o que pensava dele, sua família, e sua conduta na presente situação. Então o menino foi até o santo e segurou a lança para ele.

— Está sendo uma ótima luta, São Jorge! — disse com um suspiro. — Será que não daria para fazê-la durar mais?

— Bem, acho melhor não — respondeu o santo. — O fato é que seu velho amigo simplório está ficando metido, agora que começaram a aplaudi-lo, e ele bem pode esquecer o combinado e se meter a besta, e aí não há como saber onde isso vai dar. Eu vou terminar com ele neste *round*.

Ele subiu na sela e pegou a lança que o menino lhe deu.

— Mas não fique com medo — ele acrescentou gentilmente. — Marquei o lugar certo, e ele com certeza vai me ajudar o melhor que puder, porque sabe que é sua única chance de ser convidado para o banquete.

São Jorge então encurtou sua lança, acomodando a sua

## O DRAGÃO RELUTANTE

empunhadura bem debaixo do braço; e, em vez de galopar como antes, foi trotando em direção ao dragão, que se agachou com a aproximação dele, sacudindo sua cauda até fazê-la estalar no ar como um chicote. O santo foi virando ao chegar perto dele e circundou-o cautelosamente, mantendo os olhos fixos no lugar marcado, enquanto o dragão, adotando tática similar, moveu-se com cuidado no mesmo círculo, ocasionalmente fintando com a cabeça. Os dois ficaram assim, medindo o adversário, enquanto os espectadores acompanhavam com a respiração em suspenso.

Embora o *round* tenha durado alguns minutos, o fim foi tão veloz que tudo que o menino viu foi um movimento rápido como um relâmpago do braço do santo, e então um redemoinho e uma confusão de espinhas, garras, cauda, e tufo de grama arrancados. A poeira se assentou, os espectadores correram para lá dando vivas e aplaudindo, e o menino conseguiu ver que o dragão estava caído, preso ao solo pela lança. São Jorge apeara e estava com um pé sobre ele.

Tudo parecia tão genuíno que o menino correu esbaforido para lá, esperando que o bom e velho dragão não estivesse ferido de verdade. Quando ele se aproximava, o dragão ergueu uma de suas enormes pálpebras, piscou solenemente, e fechou-a de novo. Ele estava firmemente preso à terra pela lança, mas o santo a acertara no lugar combinado, onde havia sobra, e não parecia nem fazer cócegas.

— Não vai cortar a cabeça, santo? — perguntou um fulano da multidão que aplaudia. Tinha apostado no dragão, e naturalmente estava um pouco ressentido.

— Bom, acho que hoje não — respondeu São Jorge, todo simpático. — Veja, isso pode ser feito qualquer dia. Não há a menor pressa. Acho que é melhor voltarmos à aldeia antes,



KENNETH GRAHAME

para os comes e bebes, e então eu vou ter uma conversa séria com ele, e vocês verão que ele vai se tornar um dragão muito diferente.

Com as palavras mágicas “comes e bebes”, a multidão formou uma procissão e aguardou silenciosamente o sinal de partida. A hora de falar, aplaudir e apostar já tinha passado, chegava a hora de agir. São Jorge, puxando a lança com as duas mãos, soltou o dragão, que se levantou e se sacudiu e passou os olhos por suas escamas, espinhos e o resto do corpo, para ver se estava tudo em ordem. Então o santo montou em seu cavalo e tomou a dianteira da procissão, com o dragão seguindo humildemente ao lado do menino, e com os sedentos espectadores mantendo um respeitoso intervalo atrás dele.

Houve momentosos eventos quando todos chegaram à aldeia e se organizaram em frente à estalagem. Depois dos comes e bebes, São Jorge fez um discurso, no qual informou à plateia que havia removido o terrível flagelo, com muito trabalho e sacrifício de sua parte, e que agora não era mais para eles ficarem resmungando e imaginando que tinham infortúnios, porque não tinham. E que eles não deviam gostar tanto assim de lutas, porque da próxima vez podiam bem ter que lutarem eles mesmos, que de jeito nenhum ia ser a mesma coisa. E que havia um certo texugo no estábulo da estalagem que deveria ser imediatamente libertado, e que ele pessoalmente ia garantir que isso fosse feito. Então ele disse que o dragão andara refletindo sobre as coisas, e vira que há dois lados em toda questão, e não ia mais assustar ninguém, e se eles fossem bons talvez ele ficasse morando ali. De modo que eles deviam ficar amigos, não serem preconceituosos, nem ficarem por aí achando que sabem tudo o que há para saber, porque não sabem, nem

## O DRAGÃO RELUTANTE

de longe. E ele advertiu-os quanto ao pecado de fantasiar e inventar histórias e fazer os outros acreditarem só por serem plausíveis e cheias de detalhes. Então ele sentou-se de novo, em meio a muitos vivos arrependidos, e o dragão cutucou o menino e cochichou que nem ele mesmo teria dito melhor. Então todo mundo foi embora se arrumar para o banquete.

Banquetes são sempre agradáveis, consistindo em sua maior parte em comer e beber — mas a melhor coisa de um banquete é que ele acontece no fim de alguma coisa e não é preciso mais se preocupar —, e o dia seguinte parece ficar muito longe. São Jorge estava feliz porque tinha havido uma luta e ele não precisara matar ninguém; porque ele realmente não gostava de matar, embora em geral precisasse fazê-lo. O dragão estava feliz porque tinha havido uma luta, e além de não ter se machucado nem um pouco nela, ganhara popularidade e uma posição garantida na sociedade. O menino estava feliz porque tinha havido uma luta e, apesar disso, seus dois amigos estavam no maior dos entendimentos. E todos os outros estavam felizes porque tinha havido uma luta e... bem, eles não precisavam de nenhuma outra razão para estarem felizes. O dragão esforçou-se para dizer a coisa certa para todo mundo, e provou-se a alma da festa. Enquanto o santo e o menino olhavam, com a impressão de estarem assistindo a uma festa em que a honra e a glória eram inteiramente do dragão. Mas eles não se incomodaram, sendo boa gente, e o dragão não tinha ficado orgulhoso ou ingrato. Ao contrário, a cada dez minutos ele se inclinava na direção do menino e dizia, comovido:

— Olhe, você vai me levar para casa, não vai? — E o menino sempre fazia que sim, embora tivesse prometido a sua mãe não voltar muito tarde.

Por fim, o banquete terminou, os convidados foram em-

KENNETH GRAHAME

bora com muitos boas-noites, congratulações e convites, e o dragão, que tinha ficado para se despedir até o último deles, emergiu na rua seguido pelo menino, enxugou a testa, suspirou, sentou na calçada e olhou para as estrelas.

— Foi uma noite excelente! — murmurou. — Excelentes estrelas! Excelente lugarzinho! Acho que vou ficar aqui mesmo. Não estou com a menor vontade de subir aquele maldito morro. O menino prometeu me levar para casa. Melhor o menino fazer isso! Responsabilidade não é minha. Responsabilidade é do menino! E seu queixo afundou no peito largo e ele pegou tranquilamente no sono.

— Ah, levanta, dragão — gritou o menino, desconsolado. — Você sabe que minha mãe está me esperando, e eu estou tão cansado. Você me fez prometer que iria levá-lo para casa, mas eu não sabia o que você queria dizer, se soubesse, não teria prometido!

E o menino sentou na calçada ao lado do dragão dormindo e começou a chorar.

A porta atrás deles se abriu, um recorte de luz iluminou a rua, e São Jorge, que havia saído para dar uma caminhada no ar frio da noite, viu as duas figuras sentadas ali, o enorme e imóvel dragão e o menininho chorando.

— Qual é o problema, menino? — ele perguntou gentilmente, do lado dele.

— Ah, é esse grandessíssimo desse porco dorminhoco desse dragão! — soluçou o menino. — Primeiro, me fez prometer levá-lo para casa, aí disse que era melhor eu fazer isso mesmo, e então se pôs a dormir! Mais fácil levar um monte de feno para casa! E estou tão cansado, e minha mãe...

E ele começou a chorar de novo.

## O DRAGÃO RELUTANTE

— Não fique assim — disse São Jorge. — Eu vou ajudá-lo, e nós dois vamos levá-lo para casa. Acorda, dragão! — ele disse incisivamente, chacoalhando o dragão pelo ombro.

O dragão abriu os olhos todo sonolento.

— Que noite, Jorge! — murmurou — Que...

— Escute aqui, dragão — disse o santo, firmemente. — Aqui está esse camaradinho esperando para levá-lo para casa, e você sabe muito bem que ele já devia estar na cama há duas horas atrás, e o que a mãe dele vai dizer eu nem imagino, e qualquer um menos porco e egoísta teria feito ele ir para a cama faz tempo...

— E ele vai para a cama! — exclamou o dragão, levantando-se. — Pobrezinho, imagine só, ainda acordado a essa hora! É uma vergonha, é isso o que é, e eu não acho, São Jorge, que você teve muita consideração... Mas vamos embora imediatamente, e chega de discussões ou papo-furado. Dê-me sua mão, menino; e obrigado, Jorge, um braço amigo morro acima é só o que eu queria!

E lá se foram os três abraçados morro acima, o santo, o dragão e o menino. As luzes na aldeia começaram a se apagar; mas havia as estrelas, e uma lua no fim da noite, enquanto eles subiam os Downs juntos. E, quando eles viraram a última esquina e desapareceram de vista, pedaços de uma velha canção chegaram trazidos pela brisa da noite. Não sei com certeza quem estava cantando, mas eu acho que era o dragão!

# O último dragão

*Edith Nesbit*

Claro que você sabe que houve uma época em que os dragões eram tão comuns quanto os ônibus são hoje, e quase tão perigosos. Mas como se esperava de todo príncipe bem educado que matasse um dragão e salvasse uma princesa, começou a haver cada vez menos dragões, até ficar frequentemente bem difícil para uma princesa achar um dragão para ameaçá-la. E, por fim, não havia mais dragões na França, nem na Alemanha, na Espanha, na Itália ou na Rússia. Sobraram alguns na China, e ainda estão lá, mas são frios e de bronze, e nunca houve nenhum, claro, na América. Mas o último dragão de verdade vivo que sobrou estava na Inglaterra, e claro que isso foi há muito tempo atrás, antes do que se chama História da Inglaterra ter começado. Esse dragão vivia na Cornualha, em cavernas enormes no meio dos rochedos, e era um excelente e enorme dragão, com nada menos que 21 metros da ponta de seu temível focinho ao fim de sua terrível cauda. Exalava fogo e fumaça e fazia barulho ao andar, pois suas escamas eram feitas de ferro.

## O ÚLTIMO DRAGÃO

Suas asas eram iguais a meios guarda-chuvas — ou como asas de morcego, só que milhares de vezes maiores. Todo mundo tinha muito medo dele, com razão.

Acontece que o rei da Cornualha tinha uma filha, e claro!, quando ela fizesse dezesseis anos, teria que ir enfrentar o dragão. Essas histórias sempre se contam ao anoitecer nos quartos das crianças das famílias reais, de modo que a princesa sabia o que a esperava. O dragão não iria comê-la, claro — porque o príncipe ia chegar para salvá-la. Mas ela não conseguia deixar de pensar que seria muito mais agradável não se relacionar com o dragão, de jeito nenhum — nem mesmo ser salva dele.

— Todos os príncipes que eu conheço são uns menininhos completamente bobos — ela disse a seu pai. — Por que eu tenho de ser salva por um príncipe?

— É como sempre se faz, minha querida — disse o rei, tirando a coroa e pondo-a na grama, pois estavam sozinhos no jardim, e mesmo reis precisam relaxar às vezes.

— Papai querido — disse a princesa, quando terminou de fazer uma coroa de margaridas e a pôs na cabeça do rei, onde devia estar a outra. — Papai querido, não podíamos amarrar um dos princepezinhos bobos para o dragão ir comer, e então seria eu a matar o dragão e salvar o príncipe? Eu esgrimo muito melhor que qualquer um dos príncipes que conhecemos.

— Que ideia inadequada para uma dama! — disse o rei, e pôs de volta a coroa, ao ver o primeiro ministro vindo com uma cesta de decretos novinhos para ele assinar. — Tire essa ideia da cabeça, minha filha. Eu salvei sua mãe de um dragão, e você não pretende se achar melhor que ela, espero.

EDITH NESBIT

— Mas esse é o último dragão. É diferente de todos os outros.

— Como assim? — perguntou o rei.

— Porque ele é o último — disse a princesa, e foi para sua aula de esgrima, que ela levava muito a sério.

Ela levava a sério todas as aulas dela; porque não conseguia desistir da ideia de lutar com o dragão. Ela as levou tão a sério que se tornou a princesa mais forte, corajosa, hábil e sensata da Europa. A mais bonita e a mais simpática ela sempre tinha sido.

E os dias e os anos se passaram, até que enfim chegou a véspera do dia em que a princesa deveria ser salva do dragão. O príncipe encarregado dessa valorosa façanha era um príncipe pálido, de olhos grandes e com a cabeça cheia de matemática e filosofia, mas que infelizmente negligenciara suas aulas de esgrima. Ele ia passar a noite no palácio, e houve um banquete.

Depois do jantar, a princesa mandou seu papagaio de estimação levar um bilhete para o príncipe. Dizia: “Por favor, príncipe, venha até o terraço. Quero falar com você sem ninguém ouvindo. — A princesa.”

E lá foi ele, claro, e viu de longe o vestido prateado dela brilhando entre as sombras das árvores, como água sob a luz das estrelas. Quando chegou bem perto, disse:

— Princesa, a seu serviço — e dobrou seu joelho coberto de tecido bordado em ouro e pôs a mão em seu coração coberto de tecido bordado em ouro.

— Você acha — disse a princesa sinceramente — que você vai ser capaz de matar o dragão?

— Matarei o dragão — disse o príncipe firmemente — ou sucumbirei tentando.

## O ÚLTIMO DRAGÃO

— Você sucumbir não vai servir para nada — disse a princesa.

— É o mínimo que posso fazer — disse o príncipe.

— O meu medo é que acabe sendo o máximo que você vai poder fazer — disse a princesa.

— É a única coisa que posso fazer — disse ele —, a menos que eu mate o dragão.

— Por que você deveria fazer alguma coisa por mim é o que eu não entendo — ela disse.

— Mas eu quero — ele disse. — Você precisa saber que eu a amo mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Ao dizer isso, ele pareceu tão gentil que a princesa começou a gostar um pouquinho dele.

— Escute aqui — ela disse —, ninguém mais vai sair amanhã. Você sabe que eles me amarram numa rocha, me deixam lá; e então todo mundo sai em disparada para casa e fecha as venezianas e as deixa fechadas até você entrar na cidade triunfante, gritando que matou o dragão, e eu vou atrás de você no cavalo chorando de alegria.

— Ouvi dizer que é assim que se faz — ele disse.

— Bom, você me ama o suficiente para vir muito rápido e me soltar, e então lutamos juntos contra o dragão?

— Não seria seguro para você.

— É muito mais seguro para nós dois se eu estiver solta com uma espada na mão do que amarrada e indefesa. Concorde, vai.

Ele não podia negar nada a ela. Então concordou. E, no dia seguinte, tudo aconteceu como ela dissera.

Quando ele cortou as cordas que a amarravam à rocha, os dois ficaram na montanha deserta olhando um para o outro.



EDITH NESBIT

— Tenho a impressão — o príncipe disse — de que essa cerimônia podia ter sido arranjada sem o dragão.

— Sim — disse a princesa —, mas como ela foi arranjada com o dragão...

— É uma pena matar o dragão, o último do mundo — disse o príncipe.

— Bom, então, não vamos — disse a princesa. — Vamos ensiná-lo a comer na nossa mão, em vez de comer princesas. Dizem que tudo pode ser amansado através da bondade.

— Amansá-lo assim implica dar-lhe algo para comer — disse o príncipe. — Você tem alguma coisa para comer?

Ela não tinha, mas o príncipe admitiu que tinha alguns biscoitos.

— O café-da-manhã foi tão cedo — ele disse — que eu achei que você ia ficar com fome depois da luta.

— Bem pensado — disse a princesa, e eles pegaram um biscoito com cada mão. E olharam aqui e olharam acolá, mas nada de dragão à vista.

— Mas eis o rastro dele — disse o príncipe, apontando para onde a rocha estava marcada e arranhada, de modo a fazer uma pista até a entrada de uma caverna escura. Era como as marcas de uma carroça numa estrada de Sussex, misturadas com as pegadas de uma gaivota na areia da praia. — Veja, aqui é ele arrastando sua cauda de metal e essas são as marcas de suas garras de aço.

— Melhor não pensar quão duras são a cauda e as garras dele — disse a princesa —, se não vou começar a ficar com medo, e você sabe que não dá para amansar nada, não importa a sua bondade, se você estiver com medo. Vamos. É agora ou nunca.

Ela pegou o príncipe pela mão e os dois correram pela

## O ÚLTIMO DRAGÃO

pista que levava à entrada escura da caverna. Mas não correram até dentro dela. Era de fato escura demais.

Então eles ficaram do lado de fora, e o príncipe gritou:

— Ô de casa! Ei, dragão! Tem alguém em casa?

E da caverna eles ouviram uma voz respondendo e um monte de estrondos e estalos. Soava como se uma máquina enorme estivesse se espreguiçando e se levantando de seu sono.

O príncipe e a princesa tremeram, mas ficaram ali firmes.

— Dragão, dragão! — disse a princesa. — Por favor, saia e fale com a gente. Trouxemos um presente pra você.

— Ah, sei; conheço os presentes de vocês — grunhiu o dragão com uma voz trovejante. — Uma dessas preciosas princesas, eu suponho. E eu tenho que sair e lutar por ela. Bom, vou logo lhes dizendo, eu não pretendo fazer isso. A um combate justo eu não diria não, uma luta justa e sem favorecimentos, mas essas lutas arranjadas que você tem de perder, não. É o que eu lhes digo. Se eu quisesse uma princesa, eu iria atrás de uma, quando me desse vontade; mas eu não quero. O que vocês acham que eu iria fazer com uma princesa, se eu pegasse uma?

— Comê-la... não? — a princesa disse com um ligeiro tremor na voz.

— Eca! Comer uma gororoba dessas? — disse o dragão rudemente. — Eu nem tocaria nesta coisa horrorosa.

A voz da princesa ficou mais firme.

— Você gosta de biscoitos? — ela perguntou.

— Não — grunhiu o dragão.

— Nem mesmo aqueles caros com cobertura de chocolate?

— Não — grunhiu de novo.

EDITH NESBIT

— Mas então do que você gosta? — perguntou o príncipe.

— Vão embora e não me encham mais — vociferou o dragão, e eles puderam ouvi-lo ele voltando para dentro, e os rangidos e estalos de seus movimentos ecoaram pela caverna.

O príncipe e a princesa olharam um para o outro. O que eles iam fazer? Claro que não adiantaria voltar para casa e dizer ao rei que o dragão não queria princesas — porque Sua Majestade era muito antiquada e jamais acreditaria que um dragão moderno pudesse de alguma forma ser diferente de um dragão à moda antiga. Eles não podiam entrar na caverna e matar o dragão. De fato, a menos que ele atacasse a princesa, não ia ser nada justo matá-lo.

— De alguma coisa ele deve gostar — a princesa sussurrou, e chamou-o de novo com uma voz tão doce quanto mel e cana-de-açúcar: — Dragão! Dragãozinho querido!

— O quê? — berrou o dragão. — Repita isso!

E eles ouviram o dragão vindo na direção deles no escuro da caverna. A princesa teve um arrepio, e disse num fiapo de voz:

— Dragão! Dragãozinho querido!

E então o dragão saiu. O príncipe puxou sua espada e a princesa a dela — a bonita espada com cabo de prata que o príncipe trouxera em seu automóvel. Mas eles não atacaram, recuaram lentamente enquanto o dragão saía, com todo seu imenso e escamoso tamanho e se estendia sobre a rocha, suas enormes asas meio abertas e os reflexos prateados dele resplandecendo feito diamantes no sol. Por fim, não tinham mais para onde recuar — o rochedo escuro atrás dele barrava a passagem — e com as costas contra a pedra eles ficaram com as espadas em punho, esperando.

## O ÚLTIMO DRAGÃO

O dragão foi chegando cada vez mais perto, e agora eles podiam ver que ele não estava exalando fogo e fumaça como esperavam. Veio rastejando lentamente na direção deles, meneando um pouco a cabeça como um filhote de cachorro que quer brincar, mas não tem muita certeza se você está bravo ou não com ele.

E então eles viram que grandes lágrimas escorriam nas bochechas metálicas dele.

— Qual é o problema? — perguntou o príncipe.

— Ninguém — o dragão soluçou — jamais me chamou de “querido” antes.

— Não chore, querido dragão — disse a princesa. — Vamos chamá-lo de “querido” o quanto você quiser. Queremos amansá-lo.

— Eu sou manso — disse o dragão. — Essa é a questão. É o que ninguém, a não ser vocês, jamais descobriu. Sou tão manso que comeria em suas mãos.

— Comeria o que, dragão querido? — disse a princesa. — Biscoitos, talvez?

O dragão balançou devagar sua enorme cabeça.

— Nada de biscoitos — disse a princesa carinhosamente. — O que então, querido dragão?

— Sua gentileza me desdragona um bocado — ele disse. — Ninguém jamais perguntou a nenhum de nós o que gostaríamos de comer. Sempre nos oferecendo princesas, e aí as salvando, e nem uma vez “o que você gostaria de beber para brindar à saúde do rei?” Cruel e injusto, é o que acho — e começou a chorar de novo.

— Mas o que você gostaria de beber para brindar à nossa saúde? — perguntou o príncipe. — Nós vamos nos casar hoje, não vamos, princesa?

Ela disse que supunha que sim.

EDITH NESBIT

— O que eu gostaria de beber à sua saúde? — perguntou o dragão. — Ah, o senhor é decididamente um cavalheiro, é sim. Faço questão de dizê-lo, sim senhor. Terei orgulho de beber à sua saúde e à da sua bondosa dama só um pequeno golinho de — a voz dele falhou. — ... e pensar que o senhor me pergunta assim todo amistoso — continuou ele. — Sim, senhor, só um pequeno golinho de ga-ga-ga-ga-ga-gasolina, isso que... faria bem a um dragão, senhor...

— Tenho de monte no carro — disse o príncipe, e saiu descendo a montanha feito um relâmpago. Sabia que com aquele dragão a princesa estaria segura.

— Se me permite a ousadia — disse o dragão —, enquanto o cavalheiro não volta... talvez só para passar o tempo você poderia ter a gentileza de me chamar de “querido” de novo, e se consentir em trocar um aperto de garras com um pobre dragão velho que nunca foi inimigo de ninguém a não ser dele mesmo... Seria o que faria do último dos dragões também o mais orgulhoso dos dragões, desde o primeiro deles.

Ele estendeu uma enorme pata, e os grandes ganchos de aço que eram suas garras se fecharam em volta da mão da princesa tão suavemente quanto as garras do urso do Himalaia em volta do pedaço de bolo que você dá a ele através das grades do zoológico.

E então o príncipe e a princesa voltaram triunfantes ao palácio, com o dragão seguindo-os como um cachorro de estimação. E nas festividades do casamento ninguém brindou à felicidade dos noivos com mais sinceridade que o dragão de estimação da princesa, que ela logo chamou de Fido.

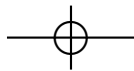
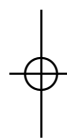
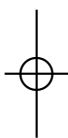
E quando o feliz casal estava instalado em seu próprio reino, Fido foi até eles implorar que lhe permitissem ser útil.

## O ÚLTIMO DRAGÃO

— Deve ter alguma coisinha que eu possa fazer — ele disse, retinindo suas asas e esticando suas garras. — Minhas asas, garras e etc. poderiam ter algum uso; isso sem nem falar em meu coração eternamente agradecido.

De modo que o príncipe providenciou que lhe fizessem uma sela ou um assento especial para suas costas: enormemente comprido, era feito de várias carrocerias de bonde soldadas. Cento e cinquenta poltronas foram ali instaladas, e o dragão, cujo maior prazer agora era dar prazer aos outros, se deliciava em levar grupos de crianças para a praia. Voava pelo ar com bastante facilidade carregando seus passageirozinhos, e ficava deitado na areia esperando pacientemente eles se disporem a voltar. As crianças gostavam muito dele e costumavam chamá-lo de “dragão querido”, uma palavra que nunca deixava de produzir lágrimas de afeição e gratidão em seus olhos. E assim ele viveu, útil e respeitado, até outro dia mesmo — quando aconteceu de alguém dizer, ao alcance de seus ouvidos, que dragões estavam fora de moda, agora que haviam aparecido tantas máquinas novas. Isso o incomodou tanto que ele foi pedir ao rei que o transformasse em alguma coisa menos fora de moda, e o bondoso monarca no mesmo instante o transformou em uma invenção mecânica. O dragão, de fato, tornou-se o primeiro avião.

## Sobre as histórias e os autores





## “PERSEU E ANDRÔMEDA”

Ovídio (43 a.C.–17 d.C.) — *Metamorphoses*,  
Livro IV, 663-764 (2–8 d.C.)

Públio Ovídio Naso nasceu em Sulmo, próximo a Roma. Seu pai, que queria que ele seguisse uma carreira política, enviou-o a Roma para estudar com os melhores mestres de retórica, mas Ovídio, seguindo sua inclinação “natural”, tornou-se poeta. Sua primeira obra publicada foi *Amores*, uma série de poemas curtos. Em seguida escreveu *Heroínas*, uma série de cartas de mulheres célebres da mitologia, como Penélope, Ariadne e Helena, a seus amados ausentes. Depois, escreve *Arte do amor*, um manual de sedução e um retrato da Roma da época, e *Remédios do amor*, em que fingia se retratar do que dissera na obra anterior. Escreveu ainda uma tragédia, *Medeia*, que se perdeu; mas a obra-prima que lhe traria fama imortal (como aliás ele mesmo profetiza no fim do livro) seria *Metamorfoses*. Um enorme poema dividido em quinze partes e quase doze mil versos, em que reconta

## SOBRE AS HISTÓRIAS E OS AUTORES

uma infinidade de histórias, sobretudo da mitologia grega, tendo como elemento unificador a transformação: do caos em harmonia, de animais em pedras, de homens e mulheres em animais ou estrelas. Seu talento poético e narrativo fez desse livro uma das versões mais fascinantes e lidas dessas histórias, mesmo que a ideia de metamorfose em muitos momentos sirva só como um pretexto para que ele vá emendando os episódios que quer contar uns nos outros e tenha de recorrer a uma variedade de artifícios, dos mais elegantes aos mais artificiais, para justificar sua inclusão — um deles é o de se demorar num detalhe irrelevante para o que está sendo contado, só por conter alguma metamorfose, como é o caso do coral no trecho aqui apresentado, embora seja justo admitir que Perseu estava voltando de uma aventura que, de fato, envolvia portentosas transformações: dos cabelos da Medusa em cobras e de quem a via em pedra. No ano 8, quando esse poema estava quase pronto e *Fastos*, em que descrevia os festivais romanos de cada mês e os mitos que os fundavam, pela metade, Ovídio foi condenado ao exílio de Roma pelo imperador Augusto. Não se conhece exatamente a razão da desgraça do poeta, que passaria no exílio a maior parte dos últimos nove anos de sua vida. Mas sua influência, e em especial das *Metamorfoses*, seria enorme em toda a literatura ocidental; do século XII ao XVII não há quase nenhum grande autor que a ele não se refira ou nele não tenha se inspirado.

“STAN BOLOVAN”  
(DE RUMANISCHEN MÄRCHEN)

Andrew Lang (1844-1912) — *The Crimson Fairy Book*  
(O livro carmim dos contos de fadas) (1903); *The Violet  
Fairy Book* (O livro lilás dos contos de fadas) (1901)

O escritor, crítico, antropólogo e folclorista Andrew Lang nasceu na Escócia e, quando criança, além de ouvir avidamente todas as histórias e lendas da região, “lia tudo quanto era conto de fada que encontrava; conhecia bem todas as fadas de *Sonho de uma noite de verão*, todos os fantasmas de Walter Scott e detestava máquinas de qualquer espécie”. Odiou ter que aprender grego na escola, até descobrir Homero, que seria uma de suas paixões pelo resto da vida: traduções da *Odisseia* e da *Ilíada* estão entre seus primeiros trabalhos publicados e, em 1890, colaboraria com H. Rider Haggard (o autor das *Minas do rei Salomão*) em um romance sobre as últimas aventuras de Odisseu, em busca de Helena depois da morte de Penélope e Telêmaco. Em vez de uma carreira acadêmica em Oxford, optou por escrever

## SOBRE AS HISTÓRIAS E OS AUTORES

para jornais e revistas em Londres, tornando-se um influente crítico literário. O interesse que sempre teve por lendas e contos do folclore o direcionou para a antropologia, em que foi um dos pioneiros nos estudos de mitologia comparada, publicando duas obras importantes sobre o assunto, *Custom and Myth* (Costume e mito, 1884) e *Myth, Ritual and Religion* (Mito, ritual e religião, 1887). E resultou também na série de livros pela qual ficou mais conhecido, as doze coletâneas de contos de fada que iniciaria em 1889 com *The Blue Fairy Book* (O livro azul dos contos de fadas). Com 37 histórias, o livro incluía os contos mais famosos de Perrault, Aulnoy, dos Grimm e das *Mil e uma noites*, mas também outros menos conhecidos do folclore inglês, escocês e escandinavo. Não havia originalmente a intenção de fazer uma série, mas o sucesso foi tão grande que em 1890 aparecia *The Red Fairy Book* (O livro vermelho dos contos de fadas), com mais histórias das mesmas fontes e também do folclore russo, e em 1892 *The Green Fairy Book* (O livro verde dos contos de fadas). Seriam mais nove, terminando em 1910 com *The Lilac Fairy Book* (O livro lilás dos contos de fadas), e além dos autores conhecidos e do folclore europeu, acabariam incluindo histórias tradicionais de todos os continentes. Lang atuava principalmente como editor dos livros, selecionando as histórias e encomendando as traduções ou adaptações para outros, em especial sua mulher Leonore, que fez a maior parte delas. Lang escreveu e publicou também alguns contos de fadas próprios, e editou mais treze coletâneas de histórias: de aventura, de animais, de heróis, de fantasmas e de mistério, a partir da História propriamente dita, da mitologia grega e das *Mil e uma noites*; a última delas foi *The Strange Story Book* (O livro das histórias estranhas), que sairia um ano após sua morte.

## “SÃO JORGE E O DRAGÃO”

Jacobus de Voragine (1228/9–1298) — *Legenda Aurea*  
(Lenda dourada) (c. 1253–70)

Com o cristianismo, matar dragões tornou-se um serviço com frequência atribuído a santos; pelo menos uma dúzia deles, em algum momento de sua vida, teria enfrentado e vencido tais encarnações do mal. O mais popular é certamente São Jorge; seu combate com o dragão disseminou-se em lendas por toda a Europa e foi tema de inúmeros pintores desde a Idade Média. Do verdadeiro Jorge, pouco se sabe: teria sido um mártir cristão no Oriente Médio e sua suposta sepultura se encontra em Lydda, na Palestina. Do século VI em diante, lendas dos feitos heroicos desse santo guerreiro começaram a se espalhar pela Europa, ganhando especial ímpeto com as Cruzadas, das quais era tido como um inspirador; em torno dos séculos XIII e XIV, não se sabe exatamente por quê, tornou-se o santo padroeiro da Inglaterra. Sua sepultura fica perto do local onde teria

## SOBRE AS HISTÓRIAS E OS AUTORES

ocorrido o mitológico combate entre Perseu e o monstro marinho; supõe-se que dessa proximidade teria surgido a lenda de São Jorge e o dragão, já que há similaridades entre as duas histórias. Essa e outras lendas sobre ele encontram-se na *Legenda Aurea*, escrita em latim entre 1253 e 1270 pelo arcebispo de Gênova, Jacobus de Voragine (ou Jacopo de Varazze), uma coletânea de narrativas das vidas de 175 santos, de relatos de eventos das vidas de Cristo e da Virgem Maria, e de informações sobre as datas do calendário litúrgico. Imensamente popular na Idade Média, a obra foi traduzida (e gradualmente ampliada) para todas as línguas europeias. Foi um dos primeiros livros a serem publicados em inglês, por William Caxton, em 1483 (*The Golden Legend*; essa tradução inglesa de Caxton foi a utilizada aqui). Entre outras histórias famosas de santos e dragões, Jacopus conta também a de Santa Margarida, padroeira dos partos. Aprisionada por se recusar a casar com o governador de Antioquia, em sua cela aparece um dragão, que ela domina com o sinal da cruz. Em outra versão que Jacopus descarta como apócrifa, ela é engolida pelo dragão e o poder da cruz faz com que ela saia da barriga dele. Quanto a São Jorge, outro livro que popularizou sua lenda foi *The Seven Champions of Christendom* (Os sete campeões da cristandade, 1596–97, de Richard Johnson), mencionado na história de Edith Nesbit “Os salvadores da pátria”.

## “A HISTÓRIA DE SIGURD”

Anônimo islandês do século XIII — *Saga dos volsungos*

Saga, em islandês, significa simplesmente história em prosa e várias foram escritas no chamado período clássico da literatura islandesa, os séculos XII e XIII, tratando da vida e dos feitos de reis e famílias que de fato existiram, com variável fidelidade histórica. Ou então, de heróis lendários, de procedência tanto escandinava quanto germânica, as *For-naldar Sögur* (sagas, ou histórias, da Antiguidade). A *Saga dos volsungos* é a mais conhecida delas. Escrita por um autor anônimo na segunda metade do século XII, conta lendas sobre heróis que aparecem também na *Edda Poética*, o manuscrito da mesma época que é uma compilação da poesia islandesa. Começa com os ancestrais de Sigurd, relata a história deste e de Brynhild, e então o destino de sua mulher Gudrun depois de sua morte. Também da mesma época é a versão germânica destas lendas, o *Nibelungenlied* (Canção

## SOBRE AS HISTÓRIAS E OS AUTORES

dos nibelungos), mais centrado na figura de Siegfried (Sigurd) e já mais próximo do romance de cavalaria medieval cristão, deixando de lado muitos de seus elementos pagãos e fantásticos. Foi utilizada aqui a adaptação de Andrew Lang (uma das poucas que fez pessoalmente) da tradução em inglês de William Morris e Eiríkr Magnússon para *O livro vermelho dos contos de fadas*, publicado em 1890.



“OS SALVADORES DA PÁTRIA”;  
“O ÚLTIMO DRAGÃO”

Edith Nesbit (1858-1924) — *The Book of Dragons*  
(O livro dos dragões) (1900)

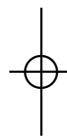
Edith Nesbit passou os primeiros nove anos de sua vida no Colégio Agrícola de Kennington (então um subúrbio rural de Londres), do qual seu pai era diretor, cargo assumido por sua mãe depois da morte dele, quando Edith tinha três anos. Em 1867, sua mãe decidiu ir para a França, em busca de um clima mais apropriado para a saúde de sua filha mais velha, Mary. Seguiu-se um período nômade, que incluiu escolas internas que Edith detestou (de uma delas teria tentado fugir), mas também uma casa enorme e deliciosa na Bretanha. Foi para morar em uma casa parecida no campo que a família voltou para a Inglaterra, quando ela tinha treze anos. As explorações e aventuras dela e de seus irmãos nos arredores de ambas inspirariam mais tarde as das crianças de seus livros. Três anos depois, quando sua mãe

## SOBRE AS HISTÓRIAS E OS AUTORES

não tinha mais condições de manter a casa, mudaram-se para Londres. Edith publicou um poema e logo começou a produção contínua de ficção popular para revistas, o que garantiria também por muito tempo o sustento de sua família após seu casamento em 1880. Seu marido, Hubert Bland, depois de uma malsucedida tentativa de ter um negócio próprio, devotaria todas as suas energias à Fabian Society, sociedade socialista que fundaram e de que fizeram parte George Bernard Shaw e H.G. Wells, entre outros. A casa de Nesbit tornou-se um animado ponto de encontro de intelectuais. Edith ignorava as convenções comportamentais de sua época: fumava, recusava-se a seguir a desconfortável moda feminina e usava o cabelo sempre curto. Produziu todo tipo de ficção para garantir a sobrevivência, mas foi só em 1898 que experimentou escrever para crianças. Com *The Story of the Treasure Seekers* (História dos caçadores de tesouro), as aventuras de cinco irmãos tentando restaurar a fortuna da família Bastable, convincentemente narrada por um deles, Nesbit iniciaria sua obra verdadeiramente original, que a faria famosa e a tornaria uma das mais importantes e influentes autoras inglesas de literatura para crianças. Uma série de histórias de dragões — entre elas as presentes neste livro — seriam reunidas em *O livro dos dragões*, publicado em 1900; no ano seguinte sairia *The Wouldbegoods*, continuação das aventuras da família Bastable; e em 1902 *Five Children and it* (Cinco crianças e aquilo), o livro que consolidaria esse gênero tão reproduzido na literatura infantil, em que o cotidiano contemporâneo das crianças se combina com elementos fantásticos (no caso, cinco irmãos de férias numa casa de campo, e Psammead, um duende da areia que realiza desejos). Com ele, *The Phoenix and the Carpet* (A fênix e o tapete, 1904) e *The Story of the Amulet* (A história do

MARCOS MAFFEI

amuleto, 1905), um dos primeiros livros infantis a incluírem viagens no tempo, formariam uma trilogia; e além de um terceiro com os Bastable, Nesbit escreveu mais sete livros, e publicou também algumas coletâneas de histórias curtas.



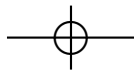
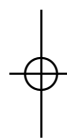
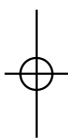
## “O DRAGÃO RELUTANTE”

Kenneth Grahame (1859-1932) — *Dream Days*  
(Dias de sonho) (1898)

Kenneth Grahame nasceu em Edimburgo, na Escócia; antes de fazer cinco anos, sua mãe morreu e ele e seus irmãos ficaram aos cuidados de uma avó fria e distante e de um pai incompetente, que abandonaria definitivamente a família em 1867. Sem condições financeiras para ir à universidade de Oxford (seu sonho era tornar-se escritor e seguir uma carreira acadêmica), em 1879 começou a trabalhar no Banco da Inglaterra, onde ficou até 1908. Manteve, todavia, inclinações e amizades literárias e, em 1887, começou a publicar em revistas. Em 1893, publicou uma coletânea de seus ensaios com o título *Pagan Papers* (Papéis pagãos), e dois anos depois *The Golden Age* (A era dourada), uma narrativa em primeira pessoa sobre a infância de cinco irmãos numa casa de campo, que fez um enorme sucesso. Apesar de ter sido escrito para adultos, o livro capta com precisão o

## SOBRE AS HISTÓRIAS E OS AUTORES

universo e as preocupações das crianças e se tornaria uma influência significativa na literatura infantil da época. Em 1898, Grahame publicou uma continuação, *Dias de sonho*; nela, aparece a história “O dragão relutante”, contada para as cinco crianças. Mesmo com o enorme sucesso dos dois livros, ele só voltaria a escrever oito anos depois, a partir das histórias que começara a contar para seu filho, que acabariam se tornando *The Wind in the Willows* (O vento nos salgueiros), um clássico da literatura infantil inglesa. Publicado em 1908, este foi seu último livro.



Adverte-se aos curiosos que se imprimiu esta obra em nossas oficinas em 23 de junho de 2017, sobre papel Norbrite Book Cream 66 g/m<sup>2</sup>, composta em tipografia Charter BT, em GNU/Linux (Gentoo, Sabayon e Ubuntu), com os softwares livres  $\text{\LaTeX}$ ,  $\text{\TeX}$ ,  $\text{\DeTeX}$ , VIM, Evince, Pdftk, Aspell, SVN e TRAC.